



Faculdade
BOAS NOVAS

VITRAL

Revista Publicação do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas

ANO V | Nº 1 | 2022

VITRAL

VITRAL

Número 01, ano V - 2022

Coordenação Geral: Prof. Dra. Maria José Costa Lima

Comissão Editorial

Profa. Ma. Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz
(editora responsável)

Profa. Dra. Maria José Costa Lima

Prof. Dr. Claudio José da Silva

Prof. Dr. Fanuel Santos de Souza

Profa. Ma. Fátima Medianeira Flores de Vargas

Prof. Me. José Fábio Bentes Valente

Prof. Me. Vinicius Alves da Rosa

Prof. Me. Fabiano Valle de Oliveira

Prof. Esp. Alan Max Gutemberg Batista

Prof. Aldo Raphael Mota de Oliveira

Prof. Esp. Luis Marcelo Magalhães Cruz

Profa. Esp. Wilce Jane Nazaré Reis

Prof. Esp. Nonato Moura da Costa

Organizadores

Prof. Dra. Liliane Costa de Oliveira

Prof. Dr. Miqueias Machados Pontes

Prof. Dr. Reyth da Cunha Oliveira

Publicação do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas
Novas

A Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e
Biotecnológicas (FBNCTSB) é uma instituição com sede em Manaus
– Am, mantida pela Fundação Boas Novas.

Avenida General Rodrigo Otávio, 1655, Japiim, Manaus, Am-Brasil

Telefone: (92) 3237-2214 - Web-site: fbnovas.edu.br

VITRAL

Capa: João Antônio Costa Lopes

Editoração: Profa. Ma. Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz,
Prof. Me. José Fábio Bentes Valente, Profa. Livia Denise C. Duarte.

Os artigos assinados, bem como o seu conteúdo e estilo linguístico
são de responsabilidade de seus autores e necessariamente não
expressam a posição da Instituição.

Colaboram neste número:

Reyth da Cunha Ribeiro, Liliane Costa de Oliveira, Miquéias Machado
Pontes, Geneci Behling Bett, Sérgio Becker Silveira, Livia Denise Castro
Duarte, Sueli Souza Damasceno, Eliana Barbosa Silva, Germano Barros
Carvalho, Elias dos Santos Lima, Jean Silva Araújo, William Ferreira Mont,
Marivaldo da Silva Oliveira, Hélia Virgínia Hatta de Oliveira, Luis Artur
Rocha Santos, Antônio Araújo da Silva, Antônia Pinheiro, Maria Emília
Moraes de Souza e Elzi Kelly Vasconcelos da Costa Sena.

Catálogo na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada por Kellen Encarnação – CRB-1134

VITRAL

Pequenas citações são permitidas, sempre indicando-se a fonte
Direitos reservados à Faculdade Boas Novas de Ciências
Teológicas, Sociais e Biotecnológicas

VITRAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - Prof. Dr. Reyth da Cunha Ribeiro 8

A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO EVANGÉLICO NA
POLÍTICA ATUAL

Lívia Denise Castro Duarte; Sueli Souza Damasceno; Sérgio Becker
Silveira 9

A TEOLOGIA DA CRUZ EM LUTERO: UMA ANÁLISE DA
INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DA CRUZ E TEOLOGIA DA
GLÓRIA SOBRE A IGREJA CONTEMPORÂNEA

Antônio Araújo da Silva; Eliana Barbosa Silva; Germano Barros
Carvalho; Reyth da Cunha Ribeiro 22

CRISTIANISMO E POLÍTICA NO BRASIL

Elias do Santos Lima; Jean Silva Araújo; Sérgio Becker Silveira 36

DOCTRINA DE USOS E COSTUMES DENTRO DA IGREJA
PENTECOSTAL DEUS É AMOR

Willian Ferreira Silveira; Sérgio Becker Silveira 58

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL:
CONSUMO RESPONSÁVEL

Elzi Kelly Vasconcelos da Costa Sena; Marivaldo da Silva Oliveira;
Geneci Bett 77

O TRABALHO ECLESIAÍSTICO FEMININO NAS IGREJAS
EVANGÉLICAS

Hélia Virgínia Hatta de Oliveira; Maria Emília de Souza; Sérgio
Becker Silveira 101

SUICÍDIO ENTRE PASTORES: NA PERSPECTIVA
SOCIOLÓGICA E TEOLÓGICA

Antônia Pinheiro; Luis Artur Rocha Santos 115

VITRAL

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: O NEOPENTECOSTALISMO TEM UMA TEOLOGIA PRÓPRIA?

José Lúcio de Souza Pereira

130

APRESENTAÇÃO DOS ORGANIZADORES

Reyth da Cunha Ribeiro; Liliane Costa de Oliveira; Miqueias
Machado Pontes

158

VITRAL

APRESENTAÇÃO

Podemos conceituar a pesquisa como um conjunto de práticas investigativas que objetivam, em seu processo sistemático, a descoberta de novos conhecimentos no campo científico, seja com a intenção de confirmar, ampliar, reconsiderar, ressignificar ou refutar conhecimentos existentes ou ainda partir em busca por novos saberes.

Diante disso, partindo do pressuposto da teologia como ciência e através da revista Vitral temos o privilégio de apresentar a toda a comunidade acadêmica as pesquisas realizadas pelos/as estudantes do curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas. As pesquisas publicadas nesta edição foram realizadas sob orientação docente e compreendem o produto final de projetos de iniciação científica, bem como o resultado de reflexões e discussões acerca dos assuntos ministrados no decorrer de todo um semestre.

Neste sentido, os conteúdos apresentados nesta edição apresentam pesquisas com variadas temáticas, mas todas envolvem a investigação científica, a reflexão teológica e o diálogo com as demais áreas do conhecimento. Além do mais, os artigos que compõem esta edição promovem reflexões teológicas acerca das inquietações e experiências que envolvem a pessoa do/a investigador/a.

Manaus, 27 de Outubro de 2022.

Prof. Dr. Reyth Ribeiro Cunha.

A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO EVANGÉLICO NA POLÍTICA ATUAL

Lívia Denise Castro Duarte; Sueli Souza Damasceno¹
Sérgio Becker Silveira²

Introdução

Em nossa cultura brasileira é comum ouvirmos que política e religião não se discutem, contudo, após as eleições presidenciais de 2018, a frase “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, expressou uma nova realidade que tem se tornado cada vez mais clara, a de que existe influência da religião evangélica na política. Revelando, que na ética, moral, e até mesmo no campo da linguagem, a influência da igreja se faz presente mais do que nunca no século XXI.

O Brasil é o campo do pluralismo religioso, onde, através da laicidade é possível haver liberdade de expressão de qualquer religião. Em nosso país, milhares de pessoas tem se declarado cristãs, e de acordo com a lei brasileira, há liberdade para a atuação das igrejas evangélicas em qualquer setor da sociedade, inclusive sobre a política.

Compreende-se a história de Israel, no Antigo Testamento, onde vemos desde este tempo uma relação do povo com a vida em

¹ Graduandos em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

² Mestre em ciências empresariais pela Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal, Bacharel em Teologia pelo Seminário Concordia de Porto Alegre, RS.

VITRAL

comunidade. No livro de Gênesis, vê-se a estratégia de crescimento de Babel, crescimento em comunidade; vemos a formação do povo de Israel em torno de seus patriarcas, aqueles que deram origem a nação de Israel, Abraão, Isaque e Jacó. Vê-se a proliferação deste povo e a sua continua necessidade de reorganização e direção continuas.

Vê-se a necessidade de sua preservação mesmo em meio a fome, através da vida de José, como governador do Egito. Vê-se a divisão das terras conquistadas por Josué, vê-se a manutenção destas terras conquistadas através dos juízes. Os reis são escolhidos para que o povo tivesse o mesmo estilo de governo de outras nações. Em todo tempo ocorre esta dialética de poder, em que há necessidade, em todo tempo de organização da estrutura vigente. A bíblia está repleta de relações sociais em torno da política.

De acordo com o dicionário de Michaelis³, a política se define como a arte ou ciência de governar, ou a arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados. Quando essa arte se aplica na organização dos negócios internos de uma nação, ela se chama de política interna. Pessoas precisam ser conduzidas, e influenciá-las, guiá-las, organizá-las é uma arte, a qual se denomina de política, na própria igreja, quando se vive em comunidade vive-se política, e faz-se uso dela para manter a ordem.

³ MICHAELIS. **Dicionário da Língua Portuguesa Online**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portuguesbrasileiro/politica>. Acesso: em: 9 dez de 2020.

VITRAL

Nos últimos tempos no Brasil, as palavras “política”, “político”, tem levado homens e mulheres a antipatizar com a política tendo em vista a forte corrupção generalizada, com escândalos nos Governos e má administração do dinheiro Público. No meio cristão há aqueles que são de opinião de que política e a religião não se misturam e dizem ser desnecessário o envolvimento com questões públicas. Todas as pessoas, inclusive as cristãs, têm por direito de participar da política é uma necessidade vital da pessoa.

De acordo com o Inciso I do art. 19 da Constituição Federal de 1988⁴, o Brasil adota a laicidade, o que assegura a liberdade religiosa e o pluralismo social, permitindo com que movimentos religiosos tenham direito e ir e vir, o que inclui, igrejas evangélicas. Para que o Brasil se torne de fato um Estado Laico e Democrático de Direito, é preciso que o cidadão, tendo ou não uma religião, tenha seu direito garantido e possa participar das decisões, econômicas, políticas e sociais de seu país, caso contrário seria um país onde imperaria uma ditadura.

O Brasil é um país que conclama a todos para exercerem o papel de cidadãos. O regime que aqui reside é o regime democrático. O voto é um dever e direito de cada cidadão. Logo de acordo com o filósofo Aristóteles, o homem é um homem político, que nasceu para estar em sociedade. Vida esta que necessita de organização.

⁴ BRASIL. **Constituição Federal Brasileira de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10722157/inciso-i-do-artigo-19-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 9 dez. de 2021.

Teologia e Política

Vê-se na Bíblia uma certa teologia política que se observa influenciar grandes grupos evangélicos, dentre eles neopentecostais, pentecostais e evangélicos de linha reformada protestante. Segundo Lopes⁵, de forma clara nas Escrituras Sagradas, se observam princípios que norteiam o entendimento acerca do papel do estado e a responsabilidade dos cristãos. Dentre eles, Romanos 13:1 e 2 apresenta na teologia de Paulo uma orientação acerca da origem das autoridades constituídas. Resistir a estas autoridades, na teologia paulina, seria como resistir a Deus, já que Ele mesmo foi quem instituiu a autoridade humana.

O governo, que é eleito democraticamente pelo povo, este deve ser respeitado e não o governo que é se constitui sob o despotismo ou ditadores corruptos que oprimem nações e através da corrupção, dominam na esfera pública. Esta submissão orientada as autoridades pelo apóstolo Paulo não é subserviência, mas antes uma submissão crítica e positiva.

Esta relação entre igreja estado existe para que haja justiça entre os homens e ordem na terra, cujo governo, de acordo com Paulo⁶,

⁵ LOPES, Hernandes Dias. **Revista o Cristão Erudito**. O cristão e a Política. Uma reflexão sobre o cristão e a política. Revista Cristã. Ano 2. n. 2. 2016.

⁶ BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. In: Romanos 13:4-7. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

VITRAL

é ministro de Deus para proibir o mal e promover o bem, exercendo juízo sobre os transgressores. Logo, os cristãos, pela recomendação paulina devem exercer o papel de honrá-las e respeitá-las, pagando tributo, uma vez que a sua missão é servir o povo. Esta teologia ensina a respeito da missão da igreja, considera que a vida cristã precisa manifestar-se em espaços públicos e que seja sal e luz na sociedade como cristãos ativos.

Influência da Igreja na Política

Após a Reforma Protestante, cuja reação inicial por Lutero se deu por conta da corrupção dentro da Igreja Católica. Lutero contestou a autoridade central e o monopólio do clero, tendo como única fonte de autoridade e inspiração não a tradição da igreja, mas sim a própria Bíblia. Após o estabelecimento da reforma, sua expansão e seus desdobramentos, cujos efeitos, nem mesmo Lutero podia conter, chegaram ao Brasil, os primeiros protestantes vieram da Holanda e da França, com o Evangelho e propostas de escolas, cuja ética estava baseada no senso do bem comum, com vista a transformação da sociedade.

Neste mesmo século XIX, luteranos, presbiteranos, metodistas e batistas se instalam no Brasil e em meados do século XX, oriundos da Europa e dos Estados Unidos, chegam no Brasil com vista ao alcance de pessoas da classe baixa e média, tendo em vista a

VITRAL

expansão das igrejas. O movimento pentecostal é bem aceito, coadunando com a realidade da cultura Latino Americana.

A igreja Pentecostal, foi criada por missionários suecos que viviam nos Estados Unidos, seguida da criação das Igrejas da Congregação Cristã e as Igrejas do Evangelho Quadrangular. Criam no esforço da conversão, eram anticomunistas, politicamente conservador e adotando concepções literais da Bíblia. Nos anos 70, surgem as primeiras igrejas Neopentecostais, como a Igreja Evangélica Pentecostal do Brasil para Cristo, Deus é Amor e a Igreja Universal do Reino de Deus, as quais por conta da implementação da Teologia da Prosperidade, hoje valorizam demais a riqueza material, irão se envolver cada vez mais na política.

De acordo com o artigo da revista Nexo⁷, as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam, segundo o último censo, realizado em 2010, que houve um aumento da religião evangélica de 61%, entre o espaço de 10 anos. Nos anos 80, apenas 6,6 % dos brasileiros se declaravam evangélicos. No ano de 2010, este número potencializou-se para 42,3%.

Ainda de acordo com o Censo de 2010, durante o período de um ano, 14 mil igrejas eram abertas. Muitas análises tem sido feitas, dentre as quais, reconhece-se que os evangélicos aumentaram sua participação na vida pública na mídia, política e cultura em geral.

⁷JORNAL NEXO. **Aumento da Religião Evangélica.** Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>. Acesso em: 10 dez de 2020.

VITRAL

Guadalupe⁸, em seu livro sobre as relações de poder e as igrejas evangélicas, faz uma análise sociológica da manifestação religiosa de cristãos na política e classifica o engajamento e os efeitos deste na política, na participação mais ativa nos cargos públicos e privados de destaque como uma “revolução silenciosa”, e sua influência em países como El Salvador, Colômbia, Peru, destacando que no Brasil existe uma estruturação maior da parte dos cristãos na política.

Carmo⁹, aborda a respeito da participação da Igreja Assembleia de Deus na política e seu engajamento no estado do Amapá, a seguinte frase “irmão vota em irmão”, traz a ideia por trás do slogan que visa orientar os membros, a votarem somente em pessoas que são da própria denominação. Ele analisa participação maciça não só da igreja Assembleia de Deus do Amapá, como também a intensa participação de evangélicos em cargos da administração pública.

Pessoas que participam destes movimentos e estão atuando de maneira direta na política, visam salvaguardar os interesses da denominação, através de projetos de leis que defendem a “família tradicional” e a “moral cristã”. De acordo com o artigo Eletrônico

⁸ GUADALUPE. José Luís Pérez, e Sebastian Grundberger. **Evangélicos y Poder en América Latina**. Santiago: Editora Octubre, 2019.

⁹ CARMO, Arielson Teixeira do. Marcos Vinicius Freitas Reis e Cleiton de Jesus. **Pentecostalismo e Política: O envolvimento político da Assembleia de Deus do Amapá**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

publicado pela BBC¹⁰, no Brasil, os evangélicos são a maior base do eleitoral do presidente Jair Bolsonaro.

O artigo aponta que alguns fatores são responsáveis por isto, dentre eles, o fato das igrejas evangélicas da América Latina, combinam mais com a cara da própria cultura Latino Americana, adoção de regras menos rígidas para formação de seus líderes eclesiais. As camadas mais pobres da sociedade possuem maior participação. Trabalhos que visam o cuidado dos maior vulnerabilidade e a assistência social, com apoio as comunidades carentes e o compartilhamento de valores e pensamentos cultivados pela classe média e classe alta são os fatores pelos quais levaram ao chamado “bum evangélico” na América Latina.

Andrew Chesnut¹¹, faz uma distinção entre a política adota por católicos e evangélicos. Para ele a Igreja Católica, possui diversos movimentos internos, o que dificulta a homogeneidade e a torna heterogênea no aspecto político. Setores ligados a Teologia da Libertação, de ala mais progressista, divergem dos setores ligados ao Opus Dei, que divergem de setores ligados a ala mais ortodoxa da igreja. Esta pluralidade de posições políticas dificultam uma maior participação da igreja na política, o que no movimento evangélico, vê-se uma diferença. Uma união de alianças com movimentos que

¹⁰ BBC. **Evangélicos e o seu envolvimento na Política**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50462031>. Acesso em 9 dez. de 2020.

¹¹ CHESNUT, R. Andrew. **Competitive Spirits: Latin America's New Religious Economy**. New York: Oxford University Press, 2003.

VITRAL

pensam parecido é mais fácil, assim, para eleger determinadas figuras não se torna tão difícil. Contudo, Chesnut destaca que há uma inclinação maior para alianças políticas entre católicos e cristãos de posicionamento conservador.

Lacerda¹², aponta alguns elementos da influência dos evangélicos sobre a política atual, dentre elas, cita que no ano de 2002, as lideranças nacionais evangélicas apoiaram fortemente o governo Lula e o Partido dos Trabalhadores. Este apoio durou até o impeachment de Dilma Rousseff, quando lideranças evangélicas se sentiram desconfortáveis com programas como descriminalização do aborto e o casamento homossexual. De acordo com ele em março de 2016, Edir Macedo, líder responsável por uma das maiores igrejas neopentecostais do país, anunciava o fim do apoio ao governo vigente. Ele reconhece ser esta influência da igreja evangélica na política relevante pelo fato do Brasil, como sendo a quarta maior população evangélica do mundo, se torna referência para uma discussão a respeito do papel das religiões democráticas liberais.

O número de Deputados Estaduais que começaram no Senado no ano de 1945 era apenas um e hoje, em 2018, este número subiu para 82 (LARCERDA, 2017). Ao analisar, Valle,¹³ destaca os dois partidos

¹² LACERDA, Fábio. **Pentecostalismo, Eleições e Representação política no Brasil Contemporâneo**. 2017. Teste (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. Departamento de Ciência Política.

¹³ VALLE, Vinicius Saragiotto Magalhães. **Direita religiosa e partidos políticos no Brasil: os casos do PRB e do PSC**. São Paulo: Capri, 2019.

VITRAL

que atualmente compõe o conjunto de partidos políticos que estão associados a denominações evangélicas e que se identificam como de direita e liberais econômicos, o Partido Republicano Brasileiro (PRB) e o Partido Social Cristão (PSC). Estes são partidos políticos que são compostos predominantemente por cristãos e que estes, em sua grande maioria, pertencem a Igreja Assembleia de Deus. A linguagem que tais líderes usam possuem componentes cristãos. Todos estes parlamentares são líderes em igrejas cristãs e zelam por alianças que coadunem com o mesmo viés ideológico.

À medida que o tempo passa, mais definições são feitas a respeito da relação entre a Igreja e Política. Verificamos que maior tem sido a influência da igreja sobre a política, principalmente por conta desta hegemonia e também pontos em comum com o viés direitista. Hoje a igreja se volta para o movimento político, compreendendo-se a necessidade de promover espaços para discussão, instrução dos membros quanto a influência da igreja na política. Apresentando-se caminhos e movimentos que convergem para um só caminho, a hegemonia cristã na política, e a liberdade e o direito para desenvolver e agregar mais cristãos para o engajamento na política.

Considerações Finais

Há conceitos que compreendem o estado laico como a ausência de participação das religiões na política, ocorrendo o máximo de posicionamentos no cenário político que não fossem cristãs, antes

VITRAL

neutras no âmbito da religião. Contudo, graças a laicidade do estado, a pluralidade religiosa se faz presente. E, tendo o pluralismo como fundamento, é que pode haver diálogo entre todas as religiões e representantes em prol dos direitos de todos em posição política de destaque.

É preciso reconhecer a ação religiosa do cristianismo evangélico existente e sua influência ao longo dessas décadas. Seu poder nestes espaços tem se aperfeiçoado com criação de partidos políticos cuja membresia é formada por líderes de igrejas com denominações específicas. Mas é preciso parar para analisar até onde isto pode ser benéfico ou maléfico para a igreja. Existem pontos positivos e pontos negativos a respeito disto. A igreja em posição de autoridade trabalha para conter o mal, como a legalização do aborto, dentre outros pontos importantes.

Contudo, é necessário nos interrogar até onde esta relação irá, e quais efeitos danosos poderá trazer para nós indivíduos e igreja, coletividade. Dentre eles percebe-se uma certa dificuldade dos cristãos evangélicos. Talvez tentando ainda cristianizar o espaço político, o que não poderia, por conta da laicidade do estado.

Cabe aos futuros teólogos, posicionar-se a respeito desta influência da igreja no cenário público político, pois esta dialética continuará enquanto houver cristianismo no Brasil e enquanto houver liberdade religiosa. Neste contexto é ressaltado o papel do cristão em pleno século XXI. E o posicionamento que se toma dentro deste tema é que o cristianismo evangélico continue exercendo seu papel de sal e

luz na sociedade contemporânea, influenciando a ponto de que haja transformações relevantes na sociedade brasileira.

Referências

BBC. **Evangélicos e o seu envolvimento na Política**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50462031>. Acesso em 9 dez. de 2020.

BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10722157/inciso-i-do-artigo-19-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 9 dez. de 2021.

CARMO, Arielson Teixeira do. Marcos Vinicius Freitas Reis e Cleiton de Jesus. **Pentecostalismo e Política**: O envolvimento político da Assembleia de Deus do Amapá. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

CHESNUT, R. Andrew. **Competitive Spirits**: Latin America's New Religious Economy. New York: Oxford University Press, 2003.

GUADALUPE. José Luís Pérez, e Sebastian Grundberger. **Evangélicos y Poder en América Latina**. Santiago: Editora Octubre, 2019.

JORNAL NEXO. **Aumento da Religião Evangélica**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>. Acesso em: 10 dez de 2020.

LOPES, Hernandes Dias. **Revista o Cristão Erudito**. O cristão e a Política. Uma reflexão sobre o cristão e a política. Revista Cristã. Ano 2. n. 2. 2016.

VITRAL

MICHAELIS. **Dicionário da Língua Portuguesa Online**. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portuguesbrasileiro/politica>. Acesso: em: 9 dez de 2020.

**A TEOLOGIA DA CRUZ EM LUTERO: UMA ANÁLISE DA
INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DA CRUZ E TEOLOGIA DA
GLÓRIA SOBRE A IGREJA CONTEMPORÂNEA**

Antônio Araújo da Silva; Eliana Barbosa Silva; Germano Barros
Carvalho¹⁴

Reyth da Cunha Ribeiro¹⁵

Introdução

O trajeto histórico da igreja de Cristo na terra apresenta um caminho de luta pela preservação e defesa das verdades contidas nas escrituras, presentes nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo, proferidos em seu convívio ministerial com os discípulos e demais seguidores. O desvio desses princípios representa o afastamento de Deus e de suas verdades. Mas como manter-se atento para não se desviar de tais princípios? O próprio Mestre, em conversa com os fariseus, registrada no evangelho segundo João 5:39, apresenta uma atitude que deve ser de todo nascido de novo, quando diz” examinai as escrituras porque julgais ter nelas vida eterna e são elas que testificam de mim”¹⁶.

¹⁴ Graduandos em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

¹⁵ Doutor em Teologia pela Faculdade Est. Bem como o Mestrado em Teologia por essa mesma Instituição de Ensino. Professor dos Cursos de Graduação e Pós-graduação pela Faculdade Boas Novas - FBN.

¹⁶ BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 489.

VITRAL

Entre as diversas advertências que o relato apresenta, um deles é a necessidade de exame da fonte principal de orientação da vida cristã, as escrituras, porque é na fonte que podemos encontrar a orientação limpa da proposta de vida para o cristão e para a igreja de Cristo na terra. Na época do profeta Eliseu, houve fome na terra de Israel. O texto de II Reis 4: 38 a 41 narra uma visita feita pelo profeta aos estudantes das Escrituras, na cidade de Gilgal, um jovem colheu colocíntidas para colocar em uma sopa, pois pareciam com pepinos. Mal sabia ele que se tratava de um legume venenoso. A sopa que seria para aplacar a fome e preservar a vida daqueles homens poderia ter sido a morte, não fosse a ação de Eliseu realizando o milagre de neutralizar o veneno colocando farinha e retirando a morte da panela.

Em uma analogia com o evangelho propagado em nossos dias, pode-se dizer que há um pepinal florescendo, mas urge que saibamos diferenciar o venenoso do que é benéfico. Esse é o desafio que se apresenta para a igreja e particularmente para todo cristão: ser capaz de avaliar se o evangelho que seguimos é coerente com o que Jesus ensinou. Se é o evangelho da cruz ou é mais ensinamento de homens que almejam sua própria glória em detrimento da glória de Deus.

Assim, o presente artigo tem como propósito refletir sobre as bases da teologia da cruz na concepção do reformador Martinho Lutero e sobre a influência que essa concepção ainda exerce na prática da igreja evangélica contemporânea. E, a partir dessa reflexão, analisar a proximidade ou o distanciamento que a igreja se encontra, das verdades grandiosas do evangelho de Cristo. Diante de relatos como

VITRAL

este no velho testamento, fica notório o desejo de Deus de ver sua igreja seguindo os preceitos ensinados pelo Senhor Jesus sem nos afastarmos da verdadeira teologia da cruz, amplamente fundamentada nas escrituras e na obra redentora realizada por Cristo no Calvário.

Portanto, nossa reflexão caminhará a partir do seguinte percurso: em primeiro lugar, em que se baseia o conceito de teologia da cruz e teologia da glória de Lutero? Qual a influência dessa teologia sobre a igreja contemporânea? O evangelho pregado nos nossos dias está perto ou longe de colocar esses ensinamentos em prática? São estas as questões norteadoras desse trabalho, que nos propomos a responder com base na bíblia, em textos de teólogos fundamentalistas, comentaristas bíblicos e em outras fontes que julgamos importantes para a construção de tal compreensão, tendo em vista alcançar os objetivos propostos.

Conceitos Defendidos por Lutero: Teologia da Cruz e Teologia da Glória

Iniciamos o trajeto dessa reflexão considerando que a Teologia de Martinho Lutero tomou como base a bíblia como autoridade inicial e final de toda sua vida e de tudo que produziu. Bíblia com a qual ele encontrou-se depois de um bom tempo em que estudava para ser monge na biblioteca do mosteiro que o abrigou. Quando a leu por completo desejou que Deus lhe concedesse uma cópia, o que só aconteceu quando foi estudar em Wittenberg, na

VITRAL

Alemanha. Desde então a vida, a fé e o caráter do reformador foi sendo transformado até deparar-se com a verdade de Romanos 1:16 que declara: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”¹⁷.

Essa declaração transformou a vida do monge dissipando as incertezas que o atormentavam sobre a salvação que buscava por méritos. A partir de então, passou a buscar o conhecimento profundo e na fonte para fundamentar sua fé. Como professor das Sagradas Escrituras, a Bíblia tinha para ele grande importância, e nela descobriu a resposta para suas angústias espirituais. Seu entendimento era que a Palavra de Deus vai além de um mero conceito e é muito mais que a Bíblia. A Palavra de Deus para Lutero era o próprio Deus falando ao homem.

Essa compreensão toma como fundamento os versículos iniciais do Evangelho de João, que declaram: "no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus"¹⁸. Essa Palavra foi encarnada em Jesus Cristo, revelação máxima de Deus e sua maior manifestação de amor ao homem. Esse amor se materializou em Jesus crucificado, através de quem Deus o Pai se fez conhecer. Lutero compreende que através de Cristo Jesus, Deus pai venceu os poderes do maligno que oprimiam a humanidade. A revelação de Deus é também a vitória de Deus sobre o pecado e sobre o mal.

¹⁷ BIBLIA, 2010, p. 518.

¹⁸ BIBLIA, 2010, p. 486.

VITRAL

Assim, a Bíblia é a Palavra de Deus, não apenas pela sua infalibilidade ou por ser a regra orientadora do salvo, mas porque é pela Palavra de Deus que Cristo chega ao homem, se manifesta e se faz conhecido. “A fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo”¹⁹. Por isso Lutero declarou que quem lê a Bíblia e não encontra nela Jesus Cristo, não leu a Palavra de Deus. Para o reformador, a Palavra de Deus era Jesus Cristo revelado e falando a nós. E esta compreensão era a base usada por Lutero para responder diversos questionamentos, entre eles a autoridade da igreja católica sobre o Cânon sagrado e a escolha dos livros que deveriam compô-lo.

Como em tantos questionamentos, ele defendeu que nem a igreja havia criado a Bíblia nem a Bíblia havia criado a igreja, mas que o evangelho é que havia criado ambos. Assim, na concepção de Lutero, a autoridade final não está na Bíblia, nem na igreja, mas no evangelho, na mensagem de Jesus Cristo, que é a Palavra de Deus encarnada e revelada ao homem no tempo de Deus. Além disso, a Bíblia dará sempre um testemunho mais fiel de Deus e do Evangelho do que a igreja que pode corromper-se, como estava acontecendo com a mesma no período que Lutero viveu.

Por outro lado, em sua teologia Lutero compreendia que o conhecimento verdadeiro de Deus não se dava como quem usa uma escada para subir a um ponto mais elevado. Todos os esforços da mente humana para elevar-se ao céu e conhecer a Deus são

¹⁹ BIBLIA, 2010, p. 523.

VITRAL

completamente ineficazes se considerado que tal conhecimento pode ser alcançado por esforços humanos.

É essa forma de buscar conhecer a Deus por meio dos esforços humanos que Lutero definiu como "teologia da glória". Tal teologia pretende ver Deus tal como é, em sua própria glória, sem ter em conta a distância enorme que separa o ser humano de Deus, bem como o real caminho que levará o homem a conhecer a Deus.

Para o reformador, o que a teologia da glória faz no final das contas é levar o homem a buscar enxergar Deus nas coisas que o homem considera mais importantes para cada um e naquilo que Deus pode dar ao homem considerando a dimensão material apenas. Conforme afirma Lutero, apud Matos:

A teologia da glória, isto é, a teologia natural, é o esforço de explicar Deus pela razão humana destituída da fé e da graça. Ela conduz à espiritualidade moralista da justiça segundo as obras, porque isso parece mais racional ao intelecto humano pecaminoso que o evangelho da justificação pela morte de Cristo concedida pela graça mediante a fé. Essa teologia está centralizada no ser humano e superestima sua capacidade natural.²⁰

Para ele, olhar Deus dessa forma é tentar fazê-lo a nossa própria imagem e assim querer que Deus seja como nós desejamos que Ele seja. Na verdade, o conhecimento de Deus se dá de maneira diferente

²⁰ MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 143.

VITRAL

e singular. Deus se revela e se faz conhecer na cruz. Portanto, Lutero propõe que em lugar da teologia da glória, se siga o caminho da "teologia da cruz". Pois segundo Lutero, apud Matos:

A teologia da cruz, [...] afirma que Deus só é verdadeiramente conhecido em Jesus Cristo e no seu sofrimento, o escândalo da cruz. Ela revela a real condição da humanidade, desamparada, alienada de Deus e incapaz de conhecê-lo sem a ajuda da autorrevelação do próprio Deus na cruz de Cristo. Ela conduz ao discipulado marcado pelo sofrimento por Deus e pelo próximo.²¹

O que essa teologia busca é ver a Deus, não onde nós queremos vê-Lo, nem como nós desejamos que Ele seja, mas sim onde Deus se revela, e como Ele mesmo se revela isso é, na cruz. Muitos estudiosos afirmam que Lutero foi inundado pelo poder da cruz, o que permitiu que ele fosse usado por Deus para tão grande obra. Isto confirma o que Shaw, declarou sobre a compreensão que Lutero enxergou na cruz quando disse que “nenhum personagem histórico entendeu melhor e mais profundamente o poder da cruz que Martinho Lutero, o reformador do século XVI”²², compreensão essa que sustentou a reforma e implodiu os ensinamentos espúrios do catolicismo em toda a Europa Medieval.

²¹ MATOS, 2008, p. 144.

²² SHAW, Mark. **Uma Lição sobre a Verdade: A Teologia da Cruz de Martinho Lutero**. Sinodal, 2008, p. 78.

VITRAL

Alister McGrath, um teólogo de Oxford, definiu a teologia da cruz de Lutero como “uma das compreensões mais poderosas e radicais da natureza da teologia cristã que a Igreja já conheceu”²³. Em sua análise da conjuntura religiosa de sua época, e com base na distinção que fez entre o cristianismo evangélico bíblico e as corrupções medievais, Lutero concluiu que a igreja medieval seguia o caminho da glória ao invés do caminho da cruz. Para Lutero a cruz é a marca de toda a teologia. “No Cristo crucificado é que está a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus”²⁴.

Chegar ao conhecimento de Deus pela cruz é também conhecer o nosso pecado e, ao mesmo tempo, conhecer o amor redentor de Deus que destrói na cruz todas as nossas ideias preconcebidas a respeito da glória divina. Para Lutero, se o homem não compreender a “sabedoria da cruz”, como consequência, a bíblia permanece um livro trancado, pois a cruz de Cristo é a única chave para compreendê-la.

Em oposição à sabedoria de Deus, a “sabedoria” humana se escandaliza com a Palavra de Deus e se irrita com a cruz de Cristo. Isto porque a nossa sabedoria está apaixonada por ela mesma, e por estar apaixonada por ela mesma, resiste duramente à vontade de Deus. Neste sentido, a cruz será sempre o juízo daquilo que os homens amam e se orgulham quando estão longe de Deus. Por isso, para a teologia da cruz o sofrimento adquire significado todo especial, pois representa

²³ MCGRATH, Alister. **Lutero e a Teologia da Cruz**. Oxford: Blackwell, 1985, p.1.

²⁴ MCGRAFTH, 1985, p. 2.

VITRAL

entre outros aspectos a luta para abandonar o pecado. Assim, os cristãos devem se tornar iguais ao seu Mestre em tudo e, por isto, têm de assumir a ignomínia de Cristo que nos precedeu no caminho que rejeita toda grandeza humana, mesmo sendo Deus.

Entretanto, Lutero, concluiu que uma forte razão pela qual os homens querem uma teologia da glória e não uma teologia da cruz é que eles “odeiam a cruz e o sofrimento”. E sem a consciência de que, à luz da cruz, o sofrimento é o caminho indispensável o cristão para chegar à autonegação, não há conhecimento de Deus. Assim, é importante responder a seguinte pergunta: o que significa carregar a cruz de Cristo? A cruz de Cristo não é outra coisa, senão o abandonar tudo e agarrar-se somente a Cristo pela fé do coração, ou seja: abandonar tudo e crer – isso é carregar a cruz de Cristo. Dessa forma, o caráter da cruz constitui-se o padrão da caminhada cristã nesse mundo. Não há outro padrão.

Se seguir a Cristo com base na teologia da cruz é o caminho, é necessário estar atento para que a vida ativa com suas obras, e a vida contemplativa com suas especulações não nos seduzam a abandonarmos o caminho iniciado pelo Mestre. O cuidado é imprescindível porque as duas atitudes acima exercem forte influência sobre os homens devido o poder de atração e a tranquilidade que oferecem.

Objetivamente, de acordo com a teologia da cruz, a vida do cristão nada mais é do que “ser crucificado com Cristo”. E esta crucificação evidencia-se no fato de um verdadeiro cristão ter de atrair

VITRAL

necessariamente sobre si a inimizade do mundo. A inimizade do mundo é sinal para a autenticidade do discipulado. Pois o próprio evangelho é um escândalo para o mundo.

Deus é conhecido e compreendido não na força, mas na fraqueza da cruz, não numa demonstração impressionante de majestade e poder, mas na exibição de um amor que se dispõe a sofrer a fim de converter o homem para si: “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça”²⁵.

É no escândalo da cruz que está o “poder do evangelho”. O ensino ou pregação que faz as pessoas sentirem-se bem consigo mesmas, ou satisfeitas com suas palavras e pensamentos arrogantes sobre Deus, é uma adoração da glória que condena nossa alma e nos separa de Deus. Quando a igreja ignora a cruz, “trocando-a pelo aplauso do mundo, acaba se deparando com um futuro pouco promissor”²⁶. Somente o evangelho da cruz pode mostrar-lhe a verdade, que é Cristo.

O evangelho sem a cruz é terreno fértil para a teologia da glória se proliferar. A tendência do ensino do evangelho baseado nessa teologia que Lutero refutou veementemente é agradar o homem, falar o que ele quer ouvir e assim não o confrontar com seu pecado e sua eminente caminhada ao inferno caso não se arrependa.

²⁵ BÍBLIA, 2010, p. 520.

²⁶ SHAW, 2008, p. 101.

VITRAL

O produto dessa concepção foi danoso no tempo que Lutero viveu, pois levou a igreja católica a ser a senhora do mundo, a amar o poder e para sustentar essa posição introduzir ensinamentos de homens, para agradar a homens e a seus interesses, afastando-se da fonte de todo bem: o Cristo revelado em sua palavra, o Cristo da cruz.

O mesmo evangelho antropocêntrico do período medieval parece caminhar a passos largos como ensinamento de muitas igrejas e denominações. A proposta de uma vida abastada e regalada nesse mundo como suposta promessa de Deus, uma vida sem dor e sem sofrimento aqui nesse mundo como defende a teologia da prosperidade que tomou conta de inúmeros púlpitos, são exemplos do equívoco de uma posição teológica que está na contramão em relação aos ensinamentos de Jesus e contrário a teologia da Cruz, como já expusemos acima.

O que Jesus falou em Lucas 10:20, no regresso dos 70 enviados a pregarem o evangelho, “alegrai-vos não porque os demônios se vos submetem e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus”²⁷, deixa claro que a proposta de Jesus não era de glória nesse mundo, mas no seu reino eterno.

Assim, a cruz de Cristo continua sendo ofensiva, como foi na época em que os primeiros cristãos começaram a falar dela como o caminho de Deus para a salvação. Hoje, a função principal da igreja não é outra senão a que João Batista fez em seu ministério: pregar e

²⁷ BÍBLIA, 2010, p. 475.

VITRAL

apontar para Jesus Cristo crucificado e dizer ao mundo “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”²⁸. Além disso, em oposição ao que nos é ensinado em todos os meios de comunicação dessa geração antropocêntrica e narcisista, a Igreja deve prosseguir apresentando ao homem o mesmo ensino que Jesus apresentou: “Se alguém quiser vir após mim, a si mesmo se negue, e dia a dia tome a sua cruz, e siga-me”²⁹.

Considerações Finais

O poder do evangelho apresentado nas proposições da teologia da cruz nos leva a concluir que a mesma nos ensina que Deus se dá a conhecer no lugar onde Ele se ocultou na cruz, com os seus sofrimentos. Mesmo sendo considerada fraqueza e loucura pela teologia da glória, é a teologia da cruz que permite, na eterna bondade do criador, que o pecador seja, pela ação do Espírito Santo, resgatado do inferno, do como o livro de Colossenses 1:13 que diz que o “império das trevas” e transportado para “o reino do filho do seu amor”³⁰.

É desta e apenas desta maneira que Deus é conhecido e compreendido. Não na força, mas na fraqueza. Não numa demonstração de majestade e poder, mas na manifestação de um amor

²⁸ BÍBLIA, 2010, p. 487.

²⁹ BÍBLIA, 2010, p. 474.

³⁰ BÍBLIA, 2010, p. 545.

VITRAL

que se propõe a sofrer a fim de resgatar o homem para si. Em Romanos 3:24-45, dia que, “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça”³¹.

Assim, a proclamação do evangelho deve ter por objetivo mostrar o Deus que morreu para perdoar os pecados daqueles que, confrontados com seu estado de pecado pela pregação do evangelho, sejam alvos da expiação do cordeiro de Deus. Quando a proclamação da palavra deixa de ser uma pedra de tropeço para o povo, através da qual vejam o destino terrível que os aguarda sem Jesus, ela desviou-se definitivamente do seu objetivo e traiu o evangelho. A igreja não pode perder de vista a compreensão de que é no escândalo da cruz que está o poder do evangelho.

Por fim, a proposição de uma adoração ou pregação que apenas acalma e faz as pessoas sentirem-se bem consigo mesmas, ou satisfeitas com suas palavras e pensamentos sobre Deus, pensamentos esses distantes de estarem alicerçados sobre a rocha que é Cristo, constituem uma pregação e adoração da glória que condena nossa alma, e ao invés de nos aproximar, nos separa de Deus. Quando a igreja perde a compreensão correta da cruz, “trocando-a pelo aplauso desta era ou a medida de sucesso deste mundo, acaba se deparando com um futuro pouco promissor”³².

³¹ BÍBLIA, 2010, p. 520.

³² SHAW, 2008, p. 115.

VITRAL

O grande desafio da igreja moderna é retornar ao Evangelho da cruz como caminho para cumprir a missão que o Senhor da cruz deixou aos seus discípulos e por extensão à sua igreja neste mundo, tendo Ele mesmo trilhado o caminho proposto como nosso exemplo que nunca deve ser esquecido.

Referências

BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida:** Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas. Vol. 1.** São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987.

MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da teologia histórica.** São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MCGRATH, Alister. **Lutero e a Teologia da Cruz.** Oxford: Blackwell, 1985.

SHAW, Mark. **Uma Lição sobre a Verdade:** A Teologia da Cruz de Martinho Lutero. Sinodal, 2008.

CRISTIANISMO E POLÍTICA NO BRASIL

Elias do Santos Lima; Jean Silva Araújo³³

Sérgio Becker Silveira³⁴

Introdução

A envergadura desse trabalho visa mostrar a relação Cristianismo e política no Brasil, dando ênfase na inclusão do Cristianismo na Política brasileira para compreender de forma clara e concisa os motivos e interesses da participação do cristianismo no contexto da política brasileira, partindo da premissa que o Brasil é uma sociedade democrática de direitos e que Democracia é um regime de governo cuja origem do poder vem do povo.

Tendo em vista, que em um governo democrático, todos os cidadãos possuem o mesmo estatuto e têm garantido o direito à participação política. Todavia, um dos aspectos que define a democracia é a livre escolha de governantes pelos cidadãos através de eleições diretas ou indiretas. De modo que, todo cidadão deve ser assistido de forma igualitária sem qualquer tipo de discriminação. Para isso, é de suma importância entender através da pesquisa científica a relação entre ser humano e política com o intuito de conhecer a

³³ Graduandos em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

³⁴ Mestre em ciências empresariais pela Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal, Bacharel em Teologia pelo Seminário Concordia de Porto Alegre-RS.

historicidade do cristianismo com a política institucional brasileira, verificar quais os fatores na sociedade moderna que abonam a representatividade cristã na política institucional brasileira levando sobre tudo, esse tema a uma análise à luz da reflexão teológica sobre a participação do cristianismo no cenário político.

Relação do ser Humano e Política

A política está na própria natureza do ser humana, haja vista que, toda nossa vida é organizada em grupos sociais, pois, todo indivíduo, tem sua iniciação social no grupo familiar, onde, os indivíduos desse grupo desempenham papéis sociais como: filho, irmão, pai, mãe, marido, esposa, e criam regras morais, ética e disciplina familiar para organizar sua coletividade.

É notável que o ser humano faz política desde que nasce, quando chora pela primeira vez, manifestando suas necessidades e negociando formas de atendê-las. Ser político é algo inerente à condição do ser humano. Política significava, originalmente, o conhecimento, a participação, a defesa e a gestão dos negócios da polis. Haja vista, que Dallari apresenta o homem como animal político, no sentido que este está sempre em relação com o seu semelhante e vive em sociedade não apenas por sobrevivência, mas porque é de sua própria natureza.

Também, percebe-se que no grupo familiar há um governo regido pela liderança dos pais. Isso é política, que por sua vez, traduz-se na arte de liderar. Tendo em vista, que desde os primórdios

escolhemos líderes representantes para liderar, guiar, influenciar, direcionar, organizar e administrar a sociedade.

O ser humano é político em sua essência e a sociedade só prospera e se desenvolve por intermédio de políticos. Recusar a política é negar a própria essência humana. Chauí³⁵, assinala que a palavra política é de origem grega: *polítika*, vinda de *pólis* que significa cidade, entendida como comunidade organizada, formada pelos cidadãos (*politikos*), isto é, pelos homens nascidos no solo da cidade, livre e igual, portadores de direitos. Nota-se que a política diz respeito às relações sociais dentro da sociedade, dirigindo-as a um fim comum.

Para comandar essas relações, surgiu a instituição chamada Estado. Assim, Neves³⁶, ilustra que a política é o nome que se dá para a capacidade do ser humano de criar diretrizes com o objetivo de organizar seu modo de vida. Essa palavra também faz menção a tudo que está vinculado ao Estado, ao governo e à administração pública com o objetivo final de administrar o patrimônio público.

Percebe-se com um olhar bucólico que a sociedade política não é excludente, ao contrário, é envolvente e abrange a todos de maneira compulsória. Para Chauí o surgimento da política refere-se à Grécia Antiga, e um dos grandes articuladores políticos desse período foi Aristóteles, que falava que a política era um mecanismo que tinha

³⁵ CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994, p. 56.

³⁶ NEVES, Daniel dos Santos. **Política**. 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica>. Acesso em: 29 out. 2020.

VITRAL

como fim último a felicidade dos homens³⁷. Compreende-se política como atividade desempenhada pelo cidadão quando exerce seus direitos em assuntos públicos através da sua opinião e do seu voto e busca consonância para a convivência pacífica em comunidade. Haja vista, porque nem todos os seus membros pensam igual. Dessa forma, Bezerra, enfatiza que política é um meio para alcançar a felicidade dos cidadãos. Para isso, o governo deve ser justo e as leis, obedecidas³⁸.

Entende-se então que a função central da política era atender aos interesses dos cidadãos, devendo ser o interesse de todo a prioridade do governo. Segundo Dallari³⁹, o homem não pode ser entendido como um ser isolado, mas em comunhão com os outros homens. O que se conclui que o homem é um ser de relações. Assim, aí está o fundamento para a necessidade da participação política.

Historicidade do Cristianismo e Política no Brasil

Ao realizar uma breve reflexão sobre a história do povo de Israel e o cristianismo com a política estatal, percebe-se que entre os antigos hebreus havia uma teocracia. Onde a fé mosaica não era simplesmente a religião do estado: era, até o início da monarquia, o próprio estado. A religião monoteísta judaica, com as suas numerosas leis e

³⁷ CHAUI, 1994, p. 57.

³⁸ BEZERRA, Juliana da Silva. **O que é política**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-politica/>. Acesso em: 29 out. 2020.

³⁹ DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do Estado**. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 45-47.

instituições, condicionava todos os aspectos da vida do seu povo, individuais e coletivos. Durante a monarquia, muitas vezes houve conflitos entre os reis e a religião, especialmente no reino do norte. As políticas religiosas de Jeroboão, conforme o livro de 1 Reis 12:26-36, explicam claramente a corrupção da religião quando se torna um instrumento de promoção dos propósitos do estado.⁴⁰

O cristianismo surgiu no contexto de uma relação tensa entre os judeus e o Império Romano. Jesus no seu nascimento e na sua morte experimentou o furor dos poderes estatais (Mt 2:3,13; 27:2,11,37; Lc. 23:2,8-12), porém o seu maior conflito foi com o sistema religioso, não com o sistema político. Jesus também salientou que o estado tem o seu papel, por isso, deve ser dado o acatamento que pertence aos governos humanos, e isso fica bem claro no posicionamento de Jesus Cristo com a conhecida frase das sagradas escrituras no livro de Mateus 22:15-22, “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”⁴¹. Haja vista, que a frase, amplamente citada, se tornou uma espécie de resumo e fica bem claro o tipo de relação entre o cristianismo e autoridade secular. Freston⁴², convalida essa tese na afirmação que a religião que nada tem a ver com a ação política é lógica e historicamente falso. Religião e política podem, sim, ser misturadas.

⁴⁰ BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 386.

⁴¹ BÍBLIA, 2010, p. 382.

⁴² FRESTON, Paul. **Religião e Política, Sim; Igreja e Estado, Não**: os evangélicos e a participação política. Viçosa: Ultimato, 2006, p. 200.

VITRAL

No contexto histórico do livro de Atos dos apóstolos, quando as autoridades perseguem os cristãos, é por incitamento dos judeus (13:50; 14:5; 17:5-9); os cristãos são pacíficos e cumpridores da lei. Porém, o compromisso maior dos cristãos é com Cristo, o Senhor a sua verdadeira pátria está nos céus. Isso relativiza a importância do estado. Ainda na historicidade do cristianismo e política estatal, a primeira perseguição do governo romano contra os cristãos foi promovida por Nero, em conexão com o incêndio de Roma no ano 64. Sob suspeita de ter ordenado o incêndio, Nero pôs a culpa nos cristãos, até então pouco conhecidos e mal compreendidos pela população em geral.

O próximo perseguidor dos cristãos, ainda no primeiro século, foi Domiciano. Haja vista, que no segundo século, surgiu uma política “oficial” do império em relação aos cristãos, como mostra a correspondência entre Plínio, governador da Bitínia, e o imperador Trajano. Haja vista, que Justo Gonzáles⁴³, expõe, que os cristãos, pelo simples fato de serem tais, não cometiam crime contra a sociedade e o estado. Porém, uma vez acusados e levados diante das autoridades, eles precisavam adorar os deuses do império ou sofrer punições.

No terceiro e quartos séculos: perseguição sob Septímio Severo e a primeira perseguição geral sob Décio: esforço sistemático de impor o culto aos deuses para restaurar a antiga grandeza do império. Exigência de certificado de sacrifício aos deuses. Atitudes dos

⁴³ GONZÁLES, Justo. **A Era dos Gigantes**: A teologia oficial de Eusébio de Cesaréia, São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 49.

VITRAL

cristãos: mártires, “confessores” e muitos apóstatas. Sem intervalos Diocleciano e seu vice (César), Galério promoveram a última, maior e mais cruel perseguição contra a igreja primitiva. Convictos de que a existência do cristianismo estava rompendo a aliança de Roma com seus deuses, o que punha em risco o destino do império.

Justo Gonzáles⁴⁴, ratifica que em junho de 303 a perseguição chegou até Cesaréia, e o primeiro mártir ofereceu sua vida. A partir de então a tormenta foi abrandando, até que em 305, Maximino Daza assumiu o Império. Haja vista, que Maximino Daza foi um dos mais tenazes inimigos do cristianismo. Mas foi em 311, que a situação finalmente começou a mudar, com respeito à perseguição. Primeiro veio o edito de Galério. Justo Gonzáles⁴⁵, confirma que depois que Constantino venceu Majêncio; Licínio e Constantino, reunidos em Milão, decretaram a tolerância religiosa.

Afere-se que os cristãos começaram a ver em Constantino depois de ter subjugado e vencido Licínio e estando com o poder absoluto do Império era instrumentos escolhidos por Deus para concretizar seus planos. Por isso, Justo Gonzáles⁴⁶, afirma que Eusébio de Cesárea sempre viu em Constantino o instrumento escolhido por Deus para livrar os cristãos das perseguições do Império. Assim, da mesma forma, depois das experiências dos anos de perseguição, compreende-se que Eusébio de Cesárea não podia fazer

⁴⁴ GONZÁLES, 2002, p. 51

⁴⁵ GONZÁLES, 2002, p. 52.

⁴⁶ GONZÁLES, 2002, p. 53.

VITRAL

outra coisa que se alegrar com a nova situação, e agradecer ao imperador pela mudança que este causara. A onde Seu impacto da relação da igreja com estado foi tal que as consequências destes atos perduram até o dia de hoje.

No que tange a relação histórica do cristianismo no contexto político brasileiro, a colonização brasileira foi um empreendimento em conjunto por parte do Estado português e da Igreja Católica. Pondera Cavalcanti⁴⁷, que uma das primeiras providências do colonizador português foi “fincar uma cruz e celebrar uma missa” como destaca. Já a participação do estado centrava-se no fornecimento de navios, custear as despesas, construir igrejas e pagar o clero. Tais atribuições garantiam ao Estado o ‘direito’ de interferir em quase todas as áreas em que a igreja estivesse inserida, desde o recolhimento dos dízimos até a nomeação dos bispos. Este controle da atividade eclesiástica na colônia por parte do Estado perdurou até meados do século XVIII.

Os primeiros protestantes chegaram ao Brasil ainda no período colonial. Dois grupos particularmente relevantes: os franceses na Guanabara (1555-1567), que se juntaram a um grupo de crentes reformados enviados por Calvino e a igreja de Genebra. Em 10 de março de 1557, esses reformados celebraram o primeiro culto evangélico do Brasil e talvez das Américas. Deste modo, que

⁴⁷ CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e Política**: Teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato. 2002, p. 288.

Mariano⁴⁸, salienta que já no século XIX testemunhou-se a implantação definitiva do protestantismo no Brasil.

A Constituição Imperial de 1824 estabelecia o catolicismo como a religião do império, concedendo ao imperador a responsabilidade última sobre os assuntos eclesiásticos no país. Em suma, Cavalcanti⁴⁹, comenta que religião e política, neste país, se vinculam intimamente desde sua gênese.

Diante desta separação entre as esferas, Igreja e Estado, a República instaura um cenário em que o positivismo e o liberalismo passam a serem as ideologias do novo regime. Diante da realidade, Cavalcanti⁵⁰, deixa claro que esse resultado levou os cardeais a buscar uma recristianização do Brasil. Todavia, com a tentativa de instauração de uma ordem cristã no país, com a finalidade da criação de um partido católico, no qual o movimento católico trouxesse a marca política da direita.

Percebe-se historicamente que diante da pluralidade religiosa e por conta da necessidade de galgar território na sociedade brasileira os cristãos protestantes também buscaram se posicionar politicamente em busca de seu espaço. Haja vista, que Freston⁵¹, ratifica que com o

⁴⁸ MARIANO, Leonardo. **Cronograma histórico do Cristianismo no Brasil**. Mar. 2010. Disponível em: <http://evangelistamariano.com.br/2010/03/cronograma-historico-do-cristianismo-no.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

⁴⁹ CAVALCANTI, 2002, p. 288.

⁵⁰ CAVALCANTI, 2002, p. 289.

⁵¹ FRESTON, 2006, p. 185.

retorno da democracia em 1985, os evangélicos entram no ano seguinte (1986) no cenário político de forma significativa; sendo por meio da bancada evangélica na Constituinte, o apoio visível a Collor (1989).

Foi nessa perspectiva que a bancada cristã evangélica foi formada a partir do início dos trabalhos da Assembleia Constituinte, em 1987, foi possível formalizar a criação da Frente Parlamentar Evangélica. A onde, por sua vez, Trevisan⁵², aponta que inicialmente constituiu-se de 34 parlamentares evangélicos, 18 deles sendo pentecostais. Conforme ratifica Freston⁵³, foi uma das principais motivações das lideranças pentecostais para essa mudança de atitude e pensamento relaciona-se ao seu próprio crescimento demográfico, além da desejosa defesa e ampliação de suas fronteiras.

Ainda que num pequeno grupo em relação aos demais, os evangélicos se organizaram com um movimento na maioria dos Estados brasileiros. Houve candidaturas oficiais por denominações pentecostais que significou o maior grau de representação evangélica no Congresso Nacional até então. Em 1989, o apoio à candidatura de Fernando Collor de Melo à presidência, significou um intenso engajamento político nunca visto anteriormente. De modo que,

⁵² TREVISAN, Leonardo Joel Dutra e Elza Veloso. **Política**. Revista de Carreiras e Pessoas. Lisboa: Editorial Português, 2013, p. 23.

⁵³ FRESTON, 2006, p. 200.

Freston⁵⁴, da ênfase que os evangélicos decidiram a eleição presidencial de 1989.

Nota-se que a participação cristã evangélica avança tomando território e em 1934, surge a Confederação Evangélica Brasileira (CEB), órgão representativo dos protestantes, com o objetivo de construir uma identidade evangélica nacional. Documentos elaborados pela CEB influenciaram, inclusive, a Constituição de 1946. O primeiro evangélico eleito para a Câmara Federal foi o pastor Guaracy Silveira, em 1933 (PSB) e o único a participar desta Constituinte. Assim, Freston⁵⁵, glosa que nas eleições de 1994 houve diversos destaques de candidatos eleitos evangélicos.

Todavia a partir dos anos 2000, que a participação evangélica cresce e atinge seu auge, até então. Assim como, partidos políticos de ideologia cristã são fortalecidos e alcançam maior visibilidade tanto dentro da Casa como fora desta. A bancada evangélica começa a ganhar espaço dentro do cenário político e, passa a ser considerada uma das maiores bancadas no âmbito legislativo.

Segundo a visão de Marcelo Rego⁵⁶, o pensamento político hodierno defende que numa sociedade em que o direito é construído por uma maioria representada num órgão legislativo, a religião que já não consegue ser o elemento de organização do mundo social, e pode,

⁵⁴ FRESTON, 2006, p. 201.

⁵⁵ FRESTON, 2006, p. 202.

⁵⁶ REGO, Marcelo Albuquerque Mello. **A Trajetória de um partido político**. Santa Catarina: UDESC, 2005, p. 98.

até mesmo deve se utilizar da influência sobre uma boa parcela da população para eleger uma quantidade significativa de representantes. Estes podem legislar para impor, democraticamente, sua visão àqueles que não comungam de suas crenças.

Fatores na Sociedade Moderna Que Abonam a Representatividade Cristã na Política Institucional Brasileira

Observando o processo histórico da relação do ser humano como ser político e considerando que a política faz parte da sua essência, sem perder de vista que essa evidencia se torna um dos fatores fundamentais na construção da relação cristianismo e política em sua historicidade. Tendo em vista, que na atualidade a democracia abona a representatividade cristã na política institucional brasileira, a onde a participação da frente cristã cresce com partidos políticos de ideologia cristã, e que por sua vez, são fortalecidos e alcançam maior visibilidade tanto dentro do parlamento como fora deste, ganhando espaço dentro do cenário político e, passando a ser considerada uma das maiores bancadas no âmbito legislativo.

Todavia esse espaço representativo tem sua origem e configuração com o surgimento do Estado federal que, por sua vez, tem sua origem e fundamentação na Constituição norte-americana de 1787, e surge como um mecanismo de descentralização de poder. Haja

VITRAL

vista, que Filho e Figueiredo⁵⁷, informam que é o tal caráter de não centralização política que atribui ao Federalismo, a mais moderna forma de Estado, mas que só aparece no século XVIII, sendo desconhecido anteriormente. E a partir de então passa a ser considerado como o agente organizador da sociedade.

Percebe-se que nesse contexto com a configuração Republicana, Federativa e Democrática, a Constituição de 1946 procurou conciliar princípio da liberdade com a justiça social. Historicamente falando Figueiredo da ênfase que esta fase democrática durou até 1º de abril de 1964, quando ocorreu o Golpe Militar que daria ensejo a mais uma ditadura e um regime militar que perduraria por mais de vinte anos.

Somente em 1985, o Brasil passa pelo processo de redemocratização e democracia, convocando a Assembleia Nacional Constituinte, para a elaboração do novo texto constitucional. Filho e Figueiredo corroboram que a partir desta Assembleia, a Constituição de 1988 passa a instituir um Estado Democrático de Direito, no qual todo poder é exercido pelo povo, que o exerce em forma indireta, por meio de representantes eleitos, ou ainda diretamente. Assim, a Nação brasileira adota como forma de Governo, sob o regime representativo, a República Federativa, proclamada 15 de novembro de 1889, e constitui-se, por união perpétua e indissolúvel das suas antigas Províncias, em Estados Unidos do Brasil.

⁵⁷ FILHO, Alberto de Magalhães Franco e FIGUEIREDO, Renata. **Aspectos Contemporâneos do Federalismo Brasileiro**. Revista do Curso de Direito Brasília: EDUC, 2008, p. 85.

VITRAL

No Brasil, o sistema multipartidário é caracterizado pela existência de vários partidos. Atualmente existem trinta e dois partidos políticos oficialmente registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Filho e Figueiredo consideram a forma mais legítima de democracia, uma vez que possibilita representação e atendimento de interesses das minorias. Esta pluralidade de partidos quando se encontra em equilíbrio, pode ser considerada como o melhor sistema de proteção à liberdade de participação do cidadão no governo do seu país.

A ideia predominante sobre laicidade e secularização informa que a manutenção da separação entre a esfera pública ou estatal e as religiões é condição fundamental para o pleno exercício da democracia, para a garantia de direitos das minorias demandantes e para o exercício da cidadania. Filho e Figueiredo⁵⁸, afirmam que a Constituição Federal de 1988 instituiu o pluralismo político como um dos fundamentos da República Federativa do Brasil.

Reflexão Teológica Sobre a Participação do Cristianismo no Cenário Político

A relação entre Teologia e a política é um fato constatável durante toda história humana. Haja vista que,

⁵⁸ FILHO; FIGUEIREDO, 2008, p. 96.

Cavalcanti⁵⁹, enfatiza a trajetória da política na história da igreja, que por sua vez, desde a Idade Antiga até a Contemporânea o Cristianismo possui intensa e direta relação com a política de cada época. O autor defende que ser político é algo inerente à condição do ser humano. Logo, desde o início da polis a política significava uma participação. De modo que, as definições etimológicas das relações e do histórico sobre teologia e política, é um ponto de partida essencial para estudo científico e a quebra de paradigmas a respeito do tema à cerca da relação Cristianismo e Política.

Pelo termo entende-se que teologia se origina do grego *theos*, que por sua vez, é igual a divindade, juntamente com a palavra *logos*, que significa palavra, ou, “estudo acerca da divindade. Dentro da concepção, trata-se de um estudo sistemático sobre Deus, ou seja, a sua essência, seus atributos e a sua existência. Esse estudo pode ser feito a partir de diferentes teologias (cristã, judaica, islâmica, entre outras) por conta das diversas formas de aplicação teológicas acerca do tema.

Enquanto as ciências sociais e políticas procuram analisar a função e a importância da religião na constituição e configuração dos processos históricos, das relações sociais e da

⁵⁹ CAVALCANTI, 2002, p. 290.

política, a teologia procura analisar todos esses processos e a participação dos cristãos e de suas igrejas nesses mesmos processos a partir da fé. Aquino afirma que não existe, contradição entre a relação teologia e política.

No que se refere ao assunto política na teologia, este está centrado na revelação de Deus ao seu povo, que por sua vez, tem sua iniciação histórica no chamado para ser seu povo, sua propriedade exclusiva, tendo por base um relacionamento de interação pactual entre criador e criatura, Pai e filhos. Aquino corrobora que Os cristãos e suas igrejas são, de fato, realidades sociais e políticas; seja porque a experiência e o discurso dos cristãos sobre Deus estão categoricamente condicionados e configurados pelo acontecimento histórico da libertação de Israel e pela práxis histórica de Jesus de Nazaré, enquanto entrega ao Deus do Êxodo, ao Deus de Jesus de Nazaré, no que se refere a uma atividade social e política existencial.

Diante desta realidade contextual é impossível falar de teologia sem enfatizar as questões políticas, pois, a revelação de Deus está ligada ao contexto político. Aquino⁶⁰, esclarece que o próprio Deus ao longo da história humana revela-se às pessoas em um determinado cenário social e político. Haja vista, o caso

⁶⁰ AQUINO, Francisco. **Teologia e Política**. São Paulo: Edilmar, 2008, p. 92.

do povo de Israel no deserto que recebeu os dez mandamentos como forma educativa da conduta moral e da fé. Ainda dentro do contexto, percebe-se que na época de Jesus Cristo de Nazaré havia uma forte influência política e religiosa, a onde Jesus, por sua vez, não foi condenado a morte apenas por se declarar filho de Deus, mas, por realizar praticas contraditórias ao poder político Romano.

Aquino⁶¹, aponta (João 2: 13-16) e (Mateus 21: 12-13), quando Jesus ao entrar no Templo, contesta a sua finalidade, que ao invés de ser um espaço sagrado se tornará um meio de poder político e econômico. Aquino⁶², todo governo de uma sociedade é constituído por políticas que vão de encontro a seu bem-esta e progresso social. Partindo dessa premissa, sabe-se que diante do contexto das Escrituras Sagradas (Gêneses 1.26-28), Deus fez homem e mulher a sua imagem e semelhança para governar e administrar a terra de forma geral.

No entanto, (Gêneses 3.1-15), o próprio Deus criador de todas as coisas, criou políticas no Jardim do Éden sinalizando como o ser humano deveria proceder, declarando dependência de Deus, todavia, estes indivíduos decidiram criar suas próprias diretrizes sob influência da serpente (diabo), declarando assim

⁶¹ AQUINO, 2008, p. 93.

⁶² AQUINO, 2008, p. 94.

independência de Deus. Assim, o evangelho nada mais é que a volta à dependência de Deus por intermédio de seu filho Jesus Cristo na obediência pela fé nas políticas do seu Reino.

Diante dessa realidade, Aquino⁶³, dá ênfase, que seguir a Jesus é viver e anuncia o Reino de Deus, algo que demanda uma mudança espiritual e política, sejam viúvas, pobres, prostitutas ou ricos, todos comprometidos com o Reino de Deus precisam sinalizar o Evangelho como um resgate da dignidade humana, que demanda uma visão integral do Ser: espiritual, social, educacional e político. Então, entende-se, por sua vez, que teologia e política estão ligadas pelo fato de que pessoas estão inseridas em um cenário político social.

Compreende-se que os cristãos possuem direitos e deveres como igreja (corpo de cristo), como instituição jurídica (denominação) e com as Leis que regem a ordem da sociedade civil (nação). Diante de uma exegese bíblica, analisa-se o contexto político, em que se estuda a fé no cotidiano, assim, se à teologia interessa, a eficácia da fé, ela não pode ficar indiferente aos resultados concretos da prática cristã e de suas igrejas nos processos históricos.

⁶³ AQUINO, 2008, p. 97.

VITRAL

Sabe-se que no meio religioso e na sociedade de forma geral ainda existe um grande paradigma no que tange a relação entre política e religião, que por sua vez, esta parcela do meio religioso e sociedade secular não admitem essa relação por conta, da falta de conhecimento científico acerca do tema, e outras vezes atrelam o conceito de política com corrupção.

Ainda que, diante da conceituação correta no que se refere a política baseada em uma perspectiva teológica, existe movimentos religiosos que se envolvem em política não por uma causa nobre, mas, por interesses sem relevância para sociedade em geral. Pois, política pode-se entender tanto a dimensão social do ser humano, quanto o poder de governo na sociedade.

Assim, política tem o papel de promover a igualdade, o bem-estar e garantia dos direitos e deveres sem discriminação social. Portanto, é necessário analisar como a igreja e movimentos religiosos podem fazer uma política de forma que promova questões relevantes para sociedade, tais como, a promoção da cidadania.

Considerações Finais

Entender-se que religião e a fé cristã tomam um espaço significativo com relação às questões morais do ser humano, o

que influenciará a forma de ver o mundo, no que tange o que é certo ou errado, relações familiares e sociais e outras questões que condizem a uma educação político-social. Haja vista, que essa evidencia se torna um dos fatores fundamentais na construção da relação cristianismo e política em sua historicidade no Brasil no que tange representatividade como direito democrático.

Assim, levando em consideração a forma mais legítima de democracia, uma vez que possibilita representação e atendimento de interesses das minorias, e o fato que na igualdade se encontra o equilíbrio, a democracia pode ser considerada como o melhor sistema de proteção à liberdade de participação do cidadão no governo do seu país, uma vez que, entende-se, que teologia e política estão ligadas pelo fato de que pessoas estão inseridas em um cenário político social. Por tanto, não existe, contradição entre a relação teologia e política e consequentemente cristianismo inserido no contexto político pois a igualdade é direito de todos.

Referências

AQUINO, Francisco. **Teologia e Política**. São Paulo: Edilmar, 2008.

ARAÚJO, Berenice; Silva, Luzelucia. A escola dominical: A formação integral do cristão. Pindamonhangaba: IBAD, 2008.

VITRAL

BEZERRA, Juliana da Silva. **O que é política**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-politica/>. Acesso em: 29 out. 2020.

BÍBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e Política**: Teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do Estado**. São Paulo: Saraiva, 2002.

FILHO, Alberto de Magalhães Franco e FIGUEIREDO, Renata. **Aspectos Contemporâneos do Federalismo Brasileiro**. Revista do Curso de Direito Brasília: EDUC, 2008.

FRESTON, Paul. **Religião e Política, Sim; Igreja e Estado, Não**: os evangélicos e a participação política. Viçosa: Ultimato, 2006.

GONZÁLES, Justo. **A Era dos Gigantes**: A teologia oficial de Eusébio de Cesaréia, São Paulo: Vida Nova, 2002.

MARIANO, Leonardo. **Cronograma histórico do Cristianismo no Brasil**. Mar. 2010. Disponível em: <http://evangelistamariano.com.br/2010/03/cronograma-historico-do-cristianismo-no.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

NEVES, Daniel dos Santos. **Política**. 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica>. Acesso em: 29 out. 2020.

REGO, Marcelo Albuquerque Mello. **A Trajetória de um partido político**. Santa Catarina: UDESC, 2005.

VITRAL

TREVISAN, Leonardo Joel Dutra e Elza Veloso. **Política**. Revista de Carreiras e Pessoas. Lisboa: Editorial Português, 2013.

**DOCTRINA DE USOS E COSTUMES DENTRO DA IGREJA
PENTECOSTAL DEUS É AMOR**

Willian Ferreira Silveira⁶⁴

Sérgio Becker Silveira⁶⁵

Introdução

Esta pesquisa tem por tema “Doutrina de usos e costumes na igreja pentecostal Deus é Amor: apontando se os usos e costumes liberta ou oprime”, tema muito questionado pelos fiéis, frequentadores, simpatizantes, que buscam respostas acerca da doutrina de usos e costumes estabelecida pelo ministério se ela é, se realmente é divina ou tradição humana. A igreja Deus é Amor é conhecida por ser muito rígida, e durante muitos anos manteve essa doutrina no padrão tradicional do início da obra onde seu fundador missionário David Martins Mirando o cultivou para manter seus membros na doutrina estabelecida pelo ministério.

Depois da morte do David Miranda a igreja Deus é Amor vem sofrendo muitas mudanças dentro do ministério, muitas coisas que não eram permitidas durante o missionário David Miranda estar vivo, hoje

⁶⁴ Graduando em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

⁶⁵ Mestre em ciências empresariais pela Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal, Bacharel em Teologia pelo Seminário Concordia de Porto Alegre-RS.

VITRAL

é liberado como o uso de bateria, curso de teologia na sede mundial para seus obreiros e membros, hinos de outras gravadoras, uso de calças compridas para mulheres em trabalho e escola, entre outros. Muito vem sendo liberado mesmo que seja aos poucos e o enfraquecimento doutrinário no estatuto do ministério é notório e, devido a isso muitos membros se afastaram e muitos ministérios a partir da Deus é Amor foram surgindo.

Diante dessa situação acerca da doutrina de usos e costumes dentro da Deus é Amor, a análise se pautará em analisar se a doutrina da Igreja Deus é Amor está em desacordo com as escrituras sagradas e avaliar até que ponto ela é uma doutrina histórica tradicional e se é relevante para os dias de hoje.

Doutrina de Usos e Costumes na Igreja Pentecostal Deus É Amor

Todas as religiões têm suas regras ou manual que servem como regra para que seu fiel possa seguir. Cada uma defende suas regras como certa e apoiada pelo livro principal de sua religião seja a Bíblia, o alcorão e outros. A Igreja pentecostal Deus é Amor não é diferente, tem seu regulamento Interno que é chamado pela abreviação “RI” e tem como base alguns versículos bíblicos aonde sua interpretação ou exegese confirmam o que é certo ou errado para que o seguidor da mesma. Segundo Décio de Azevedo e Paulo Barbero F. de Carminati:

VITRAL

Cada povo considera sua ideia como Universal e a única correta. Tomemos, como exemplo a maneira de vestir. Muitas vezes uma determinada vestimenta que, para um povo, encaixa-se totalmente nos seus conceitos de modéstia, para outro povo é totalmente escandalosa⁶⁶.

As religiões sejam elas históricas, pentecostais ou neopentecostais, tem suas doutrinas e costumes universais ou seja , tem seus costumes ou regras como certas e essas não podem ser mudadas, porque foram estabelecidas desde o início e, quando ocorre tais mudanças há uma separação por parte daqueles que não concordam com a mudança que ocorre dentro de determinada denominação, como divisão, contenda, difamação, discórdia e, até distanciamento da parte dos membros levando a igreja a redução de membros e frequentadores, e em algumas ocasiões extinções de alguns ministérios.

A História da Igreja Deus É Amor

A igreja pentecostal Deus é Amor foi fundada dia 03 de junho de 1962, pelo Missionário David Martins Miranda; visto que o nome da igreja foi revelado pelo espírito santo ao líder fundador do

⁶⁶ BURNS, Barbara; AZEVEDO, Décio, de; CARMINATI, Paulo Barbeiro F. de. **Costumes e Culturas**: Uma introdução a Antropologia missionaria. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 11.

VITRAL

ministério, como diz sua autobiografia, “Eu esperava que ele dissesse o nome de alguma igreja já bastante conhecida e abençoada, e qual não foi a minha surpresa quando após 21 dias de oração, ele me disse o nome: Deus é Amor”⁶⁷.

Após receber a revelação de que Deus tinha pra fazer por intermédio dele no ministério Deus é Amor, passou a procurar por toda cidade de São Paulo por esse nome, mas não encontrou, pensou ser em outros estados brasileiros, depois foi orientado por Deus através do espírito santo que ele deveria fundar uma igreja e colocar esse nome como algo único.

A igreja teve início no mês de março de 1962, tal período em que David Miranda foi demitido da firma onde trabalhava há 4 anos, recebendo uma indenização com a qual alugou um amplo salão na antiga rua setenta, hoje avenida Afonso pena, na região de Vila Maria na cidade de São Paulo. No dia da inauguração, havia no local cerca de 50 pessoas, sendo que membros da igreja eram apenas 3 pessoas: o próprio Missionário David Miranda, sua mãe Anália e sua irmã Araci.

Nos dias que se seguiram após a inauguração, foram se unindo a igreja pessoas que já conheciam David Miranda de pregações e cultos que faziam nas ruas, com sua corneta na bicicleta e com sua irmã, Araci Miranda, durante o dia. Surpreendente, em menos de um mês após a inauguração a instituição já contava com cerca de 70

⁶⁷MIRANDA, David. **Auto biografia**. São Paulo: editora luz, 1992, p. 59.

VITRAL

membros, firmes e alegres pelos sinais e milagres que aconteciam após as pregações baseadas na doutrina da cura divina.

O ministério cresceu sobremaneira nos meados das décadas de 90 e através da pregação da palavra e de programas de rádio onde o missionário fazia constantes orações ao vivo pela madrugada, anunciava os milagres que aconteciam na igreja pentecostal Deus é Amor no programa: a Voz da Libertação. A igreja Pentecostal Deus é Amor que tem seu nome por sigla IPDA, agrega 22 mil igrejas em todo território nacional e em 150 países. Segundo os últimos dados do IBGE no ano de 2020, a IPDA possui entre 800 e 850 mil fiéis que se declaravam pertencentes à igreja, tais números se referem apenas aos membros batizados, sem contar os inúmeros frequentadores e simpatizantes.

A IPDA e Seus Regulamento Interno: Doutrina de Usos e Costumes

A igreja pentecostal Deus é Amor desde o início de seu surgimento tem sua doutrina bem rígida. Suas regras valem tanto para igrejas em território nacional como internacional. Em seu regulamento interno descreve: “membros e obreiros não poderão usar roupas

VITRAL

inadequadas ou pecaminosa e permitido irmã membro usar saias e vestidos alongados, disciplina membros 3 meses, obreiro 6 meses”⁶⁸.

O Igreja pentecostal Deus e Amor, adverte seus fiéis o que pode ou não pode vestir como lemos no trecho do regulamento interno, em que informa as irmãs ser permitido usar saias e vestidos alongados; no caso de usar camisa tem que ser camisa com manga e os que não cumprirem serão disciplinadas ou afastadas das funções que exercem na igreja por um determinado espaço de tempo.

Os irmãos não podem usar calção, bermuda, camisetas ou blusas sem mangas e nem ficar sem camisa nem em casa ou fora dela; é permitido apenas uso de calça comprida e camisas de mangas compridas. Isso vale tanto em casa como fora dela e o descumprimento da mesma levará seus membros ao afastamento de suas funções na igreja por um determinado espaço de tempo e, se persistir só voltará em comunhão quando deixar de usar esses tipos de vestimenta inadequados, isso vale tanto para irmãs como para irmãos em todas IPDAS nacionais e internacionais. A IPDA não apenas adverte com disciplina, mas também aconselha isso pautado no RI da igreja, quando ministério fala de vestimentas para as irmãs e proíbe e orienta sobre o uso de calças compridas para as irmãs:

A IPDA orienta as irmãs membros a não usar calças compridas, com exceção as profissionais

⁶⁸ DEUS É AMOR. **Regulamento Interno**. Disponível em: <https://luanmensan-jusbrasil-com-br.cdn.ampprojecto.org>. Regulamento interno da igreja. Acesso em: 18 set 2020.

VITRAL

que trabalham em centro cirúrgico. As irmãs (menores de 16 anos e não batizadas ainda), poderão usar calça comprida exclusivamente como uniforme escolar.⁶⁹

Observa-se que determinados países têm costumes diferentes uns dos outros, o que é certo de se fazer para um, pode ser errado ou até escandaloso para outro. Os povos tem sua cultura, modo de comer, modo de falar e modo de vestir, quando se enaltece uma cultura e despreza a cultura alheia, comete-se fiel acaba cometendo etnofobia,

A maioria das vezes ocorre quando existe choque de cultura. Por exemplo: no brasil homens não usam saia, mas em países orientais é normal homens usarem túnicas o que faz parte da cultura daquele determinado povo, então se alguém tentar burlar esta regra ou estabelecer outra nesse determinado pais não vai funcionar e vai causar determinados constrangimentos. Por isto, a preocupação com determinadas culturas.

O Regimento não apenas prescreve as regras ou orientações, mas comprova de onde veio sua fundamentação doutrinaria como e quando ela fala sobre vestimenta se baseando no livro de I Timóteo 2:9 é Malaquias 3:18:

Na elaboração de nossos hinos, muito contribuiu o missionário Samuel Nystrom. Apesar de não ter perfeito conhecimento da língua portuguesa, ele traduziu, literalmente, diversas letras da riquíssima hinódia escandinava. Para que os

⁶⁹ DEUS É AMOR. **Regulamento Interno**. Disponível em: <https://luanmensan-jusbrasil-com-br.cdn.ampprojecto.org>. Regulamento interno da igreja. Acesso em: 18 set 2020.

VITRAL

poemas fossem adaptados às suas respectivas músicas, foi necessário que o Pastor Paulo Leivas Macalão empreendesse semelhante tarefa. Por isso, o Pastor Macalão tornou-se o principal elaborador e adaptador de nosso hinário oficial.⁷⁰

Nem mesmo a dificuldade para produzir o hinário foi o problema para Nystrom, pois ele queria que sua igreja tivesse seus louvores adaptados para cada ocasião. A dificuldade sobre a língua portuguesa que Nystrom pouco tinha domínio, contou com a ajuda de um grande pastor, conhecido por sua proeza e dedicação com a Harpa Cristã, chamado de Paulo Macalão, que teve uma tarefa incrível e espetacular para elaborar e adaptar o nosso, conhecido hinário cristã.

Podemos observar que Paulo Macalão foi muito influente no século XX, Ele se destaca por sua proeza no meio das igrejas, ele é um homem que sempre procurou o melhor para os meios evangélicos. Como conhecidos dos governantes da sua época, ele procurou colaborar da melhor forma possível para contribuir, não só para as igrejas, mais para a sociedade na época em que vivia.

O início da igreja Assembleia de Deus da Madureira se iniciou com a atitude de Paulo Macalão na sua juventude. Ele contribui para o crescimento dessa igreja de uma forma tão espetacular que em poucos tempos o jovem missionário mudou de ponto de pregação por não ter mais espaço para seus membros. Um jovem dedicado e

⁷⁰ SILVA. Claudio José. **Doutrinas de usos e costumes na Assembleia de Deus**. São Paulo: CPAD, 2003, p. 130.

VITRAL

guerreiro que logo o Senhor Deus o abençoou com uma esposa missionário chamada Zélia Brito, sua companheira na caminhada no mundo evangélico. Fundador do Ministério da Madureira, Paulo Macalão foi conhecido por Gunnar Vingren, uns dos fundadores da igreja Assembleia de Deus em Belém, sendo o mesmo Paulo Macalão batizado por Vingren.

O conhecido e grande jovem Paulo Macalão e sua querida esposa Zélia Brito, eram pessoas referencial na sua época, mesmo com as dificuldades que as igrejas vinham lutando, o casal lutava para as devidas melhorias para sua futura grandiosa igreja. Pouco tempo depois Paulo Macalão se dedica a produzir uma boa parte dos hinos encontrado na Harpa Cristã, cerca de 252 dos hinos compostos na harpa é de responsabilidade de Paulo Macalão. Esse marco ainda é reconhecido até nos dias atuais por estudiosos que estudam as origens das igrejas pentecostais.

Doutrina de Usos e Costumes: Libertação ou Opressão

Para trabalhar o conceito de usos e costumes se liberta ou oprime dentro da igreja Deus é Amor, deve-se ver as referências bíblicas, e analisar dentro do ministério o que eles utilizam como padrão de Deus para os seus fiéis. Segundo Claudio José é preciso analisar o contexto de uma hermenêutica dos textos, assim como

VITRAL

culturas que estão inserido nesses ensinoss⁷¹. Muitos dos textos bíblicos em que a IPDA usa como base doutrinaria para que os seus fiéis possam seguir, envolve contexto histórico e cultural daquela época que não pode ser inserida e igualitária a nossa a nossa história e cultura, pois são duas realidades diferente, segundo Ricardo Gondim:

A cultura, como parte da nossa humanidade, traz reflexo da imagem de Deus. No entanto, também participa de nossa natureza caída. Não se pode priori condenar toda cultura, mas os cristões necessitam saber juga lá. Proibi lô de participar dela não significa promover santidade. .⁷²

Em sua análise sobre usos e costumes Ricardo Gondim deixa bem claro em seu livro; o que a bíblia permite e o que igreja proíbe, sobre um cristianismo menos antipático e de uma mensagem menos proibitiva e mais positiva. O que se ouve de pregações sendo ministrada pela igreja Deus é Amor aos seus fiéis é um evangelho de proibição e o que se pensa é que a igreja cresceu através desse tipo de evangelho, mas não era a intensidade do evangelismo através do espirito santo que faziam, empenhado pelos grupos de evangelísticos que faziam esse trabalho. Hoje não se vê mais essa intensidade, Segundo Gondim.

⁷¹ SILVA. 2003, p. 131.

⁷² GONDIM, Ricardo. **É Proibido:** O que a bíblia permite é a igreja proíbe. São Paulo: Mundo Cristão, p. 11.

VITRAL

Há, lamentavelmente, alguns que atrelam o crescimento de sua igreja ao rigor de usos e costumes. Eles saudosamente acreditam que sua denominação cresceu porque era rigorosamente nesse item, e não como resultado de uma exuberante atuação do espírito que capacitava e ungiu os crentes para o mandato evangelístico.⁷³

Além de ver que a igreja cresceu sobre essa forma de usos e costumes rigorosamente impostas pelo ministério se tem visão que usos e costumes libertam e elevam a um alto grau de espiritualidade. Na realidade, os fiéis da igreja Deus é Amor, compreendem que o cumprimento do regulamento ministério diz respeito a: não assistir televisão, não jogar futebol, não se maquiar e nem usar roupas inadequadas conforme orienta RI ministério.

O que se entende sobre vestimentas dentro da IPDA é sinônimo de santidade: Quanto mais coberto estiver o corpo mais santo é. Quanto mais descoberto estiver o corpo, mais pecador é. A visão teológica sobre vestimenta é totalmente diferente, pois não se padroniza apenas a bíblia, mas a cultura e a hermenêutica atual.

Diante desse conjunto de regras estabelecidas pelo ministério Deus é Amor como doutrina para os seus fiéis no sentido de santificação e de libertação. Na realidade, se torna um fardo que invés de libertar oprime e sobrecarrega. Segundo Cláudio José:

⁷³ GONDIM, 1998, p. 11.

VITRAL

Em sua análise sobre o tema, “Ricardo Gondim” deixa bem claro que, a Assembleia de Deus está mudando e que os textos sagrados que erra interpretado de forma errada vem sendo esclarecida numa interpretação hermenêutica mais atual; ele preocupa abrir um diálogo franco e aberto sobre as proibições da assembleia de Deus que tem, segundo sua própria colocação, sufocado muitos crentes.⁷⁴

A Igreja Deus é Amor tem sua doutrina muito rígida e, por causa disso, surgiram e surgem muitos problemas no decorrer de sua existência como calúnia, difamação, violência, divisão, exclusão etc. Tudo isso por não cumprimento do regulamento interno por parte de seus fies. Quando membros não cumprem conforme o regulamento ou estatuto da igreja, o membro é disciplinado ou até mesmo afastado de suas funções dentro da igreja.

Diante disso basta uma vez o fiel cair, que logo vem o olhar de desprezo; como se não houvesse mais perdão e essa alma já estivesse condenada. Ricardo Gondim afirmou diante de usos e costumes nas assembleias de Deus:

Denominações já experimentam até cismas por causa dos usos e costumes. Aquelas que se intitulam “Igrejas da Restauração” geralmente reagem contra o que consideram libertinagem em suas congregações. Com um conservadorismo sufocante tentam restaurar os “costumes dos nossos pais”, brigam com aqueles a quem chamam de liberais, acusando-os de jogar

⁷⁴ SILVA, 2003, p. 28.

VITRAL

a igreja no esgoto do mundanismo. Entre eles as mulheres que fazem uso de qualquer tipo de maquiagem recebem a pecha de “jezabel”, e os que assistem televisão são tachados de “aliados do diabo”, os jovens que escutam qual quer tipo de música que não seja “evangélicas” são vistos como desviados.⁷⁵

Diante dessa situação em que membros são punidos ou até excluídos das suas denominações por descumprirem o regulamento ou regras exigidas pelo ministério e estão proibidos de se quer colocar os pés na porta das igrejas, Joé de Braga de almeida escreveu sobre isso.

Os costumes implantados pelos jovens missionários suecos foram mesclados de conhecimentos adquiridos entre seu país de origem, o tempo de sua convivência e aprendizagem sobre o pentecostalismo na américa do norte e a convivência com os irmãos que foram excluídos da igreja batista, em Belém. Esses costumes, além da exposição de santidade dos fiéis, também os aproximavam de seus comportamentos familiares europeu, em seu país de origem, e da fuga da promiscuidade, hábito comum entre a sociedade não evangélica. Neste campo incluem se intens. a respeito da alimentação, cultura, vestuário e comportamento social.⁷⁶

⁷⁵GONDIM, 1998, p. 25.

⁷⁶ ALMEIDA, Joé de Braga. **O Sagrado e o Profano: Construção e desconstrução dos usos e costumes nas assembleias de Deus no Brasil.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_auto=56327. Acesso em 22 out 2020.

VITRAL

Essa prática de errar e ser punido ou excluído é cultural por parte dos fundadores que trouxeram de suas culturas e implantaram nas igrejas. É completamente antagônico com a mensagem do Evangelho. Se não confessar ao pastor ou líder sobre determinado pecado ou descumprimento da regra perde a salvação.

Usos e costumes sempre foi um tema em discussão nas igrejas pentecostais que tem suas regras e condutas rígidas, ainda mais quando uma igreja mantém um padrão de regras com doutrinas de libertação e salvação e, com tempo vai mudando deixando de seguir essas regras. As regras não salvam ninguém servem apenas para manter uma conduta diferente em meio a sociedade. Lutero fala sobre a salvação.⁷⁷

O segundo princípio é o de que a salvação só vem por meio da graça de Deus e não por boas ações. Essa crença tornava a venda de indulgência obsoleta”. Em terceiro lugar, Lutero concluía que Jesus Cristo, através de sua morte na cruz, pagou a pena por todos os pecados e é a única ponte entre os homens e Deus. E finalmente o quarto princípio: Lutero acreditava que as pessoas são salvas somente pela fé. A vida cristã é inteiramente baseada na fé, afirmou. “Pela fé Cristo vive em nós”. Pela fé em Cristo, a justiça de Cristo se torna a nossa justiça, e o que é dele passa a ser nosso.

⁷⁷ CDN. **Lutero Revolucionou o Mundo**. Disponível em: <https://amp-dw-com.cdn.ampprojecto.org/v/s/amp.dw.com/pt-br/martinho-lutero-o-monge-que-revolucionou-o-mundo>. Acesso em: 24 out 2020.

VITRAL

Se a salvação vem mediante todas essas regras postas, ela não é mediante a graça, mas sim mediante a lei e, se é pela lei, fechamos a porta da graça que foi aberta por Jesus e abrimos a porta da lei, onde não a salvação porque a salvação vem por intermédio do sacrifício de Jesus na cruz do calvário dando sua vida por nós. A salvação é dom de Deus segundo Ricardo Gondim:

Segundo essa inferência, Deus fez sua parte na cruz e agora exige que seus filhos aperfeiçoem em santidade. Mais uma vez nos defrontamos com uma argumentação falida e sem sustentação teológica. Seria uma irresponsabilidade divina se Deus providenciasse, através dos méritos exclusivo de Cristo, a nossa salvação e depois exigisse que, por meio de nossos esforços, desenvolvêssemos o que ele começou. Tanto a Salvação como a santificação acontecem na vida do cristão pela fé, não advém dele mesmo, são dons gratuitos de Deus.⁷⁸

A doutrina de usos e costumes não salva. Em João 14:6 lemos. Respondeu-lhe Jesus no livro de João 14:16 “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida, ninguém vem ao pai, se não for por mim”.⁷⁹ Na fala de Jesus ele próprio se declara o caminho que leva à Salvação, a verdade que liberta é a vida para aqueles que já não têm mais esperança. Essa vida é uma nova vida na pessoa de Jesus, com paz e alegria. A doutrina de usos e costumes oprime! É como um fardo

⁷⁸ GONDIM, 1998, p. 41.

⁷⁹ BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 397.

VITRAL

pesado posto pelos líderes do ministério sobre os seus fiéis. São regras rígidas e pesadas que eles mesmo não conseguem suportar, São como líderes religiosos da época de Jesus. Em Mateus 23:4 e Mateus 11, 28, 29 e 30, Jesus fala claramente sobre esse fardo:

Atam fardos pesados e difíceis de suporta e os põem nos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los. Vinde a mim todos os que estais cansados e sobre carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vos o meu jugo e aprendei de mim, por que sou manso e humilde de coração, e encontrarei descanso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave é o meu fardo é leve.⁸⁰

As inúmeras regras de usos e costumes que foram colocados pelos líderes desde o início, e como pergunta sem resposta, quando questionado, não há explicação lógica que possa mostrar o motivo que não se pode fazer isso ou aquilo e quando respondida é uma resposta tradicionalmente bíblicas, não mostra o significado do contexto cultural da antiguidade e nem uma hermenêutica da atualidade. No mundo contemporâneo em que se vive, onde tudo está evoluindo, novos povos surgem, novas culturas devemos anunciar o evangelho sem que venham colocar fardos humanos pois são pesados, mas que se busque o jugo de Jesus que é leve é suave, e, através deles mostrar

⁸⁰ BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida:** Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 299.

que não há salvação em nenhum outro nome pelo qual importa que sejamos salvos.

Considerações Finais

Diante do que foi analisado observamos, os usos e costumes não podem ser usados como doutrina ou regras de salvação em nenhuma denominação religiosa que professa cristo como salvador. A salvação e dom gratuito de Deus para humanidade, como está relatado segundo evangelho são João em que disse: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”⁸¹

Não se pode impor regras, afirmar que se as mesmas não forem cumpridas podem levar a perda da salvação pois ela já foi dada por Jesus. Esse tipo de rigidez ou a forma de forçar o fiel a mudar radicalmente a sua maneira de viver não traz crescimento espiritual e nem temor, mas medo assim como muitos sentem quando não cumprem as normas da instituição.

O medo e o receio de perder a salvação como foi ensinado aos fiéis. A igreja Deus é Amor cresceu dessa maneira ensinando aos seus fiéis sobre a rigidez dos usos e costumes. Na atualidade sofre várias mudanças, novos pastores, nova diretoria, nova maneira de pensar e interpretar a luz da sagrada palavra de Deus.

⁸¹ BIBLIA, 2010, p. 401.

VITRAL

A igreja vive um momento difícil e segundo Claudio José chamou de⁸²: “momento de transição onde uns pastores acompanham as mudanças, na questão dos usos e costumes, e outros protestam, o que vira a acontecer? Uma ruptura? Ou irá se firmar como uma tradição”? Certo é que não se pode mais incorrer no erro de subjugar os fiéis impondo-lhe um fardo que de maneira alguma liberta, mas causa opressão. Onde há opressão há tristeza, sofrimentos, angustia e desespero. Onde o Evangelho de Cristo é anunciado em sua pureza e integridade há libertação. Onde há libertação há vida e salvação.

Referências

ALMEIDA, Joé de Braga. **O Sagrado e o Profano**: Construção e desconstrução dos usos e costumes nas assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?s_elect_action=&co_auto=56327. Acesso em 22 out 2020.

BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BURNS, Barbara; AZEVEDO, Décio, de; CARMINATI, Paulo Barbeiro F. de. **Costumes e Culturas**: Uma introdução a Antropologia missionaria. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CDN. **Lutero Revolucionou o Mundo**. Disponível em: <https://amp-dw-com.cdn.ampprojecto.org/v/s/amp.dw.com/pt-br/martinho-lutero-o-monge-que-revolucionou-o-mundo>. Acesso em: 24 out 2020.

⁸² SILVA, 2003, p. 130.

VITRAL

DEUS É AMOR. **Regulamento Interno.** Disponível em: <https://luanmensan-jusbrasil-com-br.cdn.ampprojecto.org>. Regulamento interno da igreja. Acesso em: 18 set 2020.

GONDIM, Ricardo. **É Proibido:** O que a bíblia permite é a igreja proíbe. São Paulo: 2003.

MIRANDA, David. **Auto biografia.** São Paulo: editora luz, 1992, p. 59.

SILVA. Claudio José. **Doutrinas de usos e costumes na Assembleia de Deus.** São Paulo: CPAD, 2003, p. 130.

SILVA. Claudio José. **Doutrinas de usos e costumes na Assembleia de Deus.** São Paulo: CPAD, 2003.

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E RESPONSABILIDADE
SOCIAL: CONSUMO RESPONSÁVEL**

Elzi Kelly Vasconcelos da Costa Sena; Marivaldo da Silva Oliveira⁸³
Geneci Bett⁸⁴

Introdução

Este é um projeto permanente de conscientização ambiental influenciado por algumas visitas em escolas, cuja educação ambiental serviu de inspiração para participação no Projeto Científico de Pesquisa da Faculdade Boas Novas- FBN. O referido Projeto foi desenvolvido nos anos de 2020 e 2021, e que se baseou em pesquisas bibliográficas e a realização de uma mini horta comunitária situada no campus da Faculdade que se situa na cidade de Manaus, estado do Amazonas.

A experiência de caminhar entre o verde, as árvores, na mata, o banho de rio , plantar, colher, cuidar dos animais, preparar alimentos e outras tarefas peculiares são praticamente impossíveis de serem realizadas nos espaços escolares das cidades grandes por falta de áreas naturais, mas ganham importância como atividade educativa, ou seja, está relacionado ao papel das escolas, especialmente nas séries iniciais pois as crianças bem informadas sobre os problemas ambientais vão

⁸³ Graduandos em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

⁸⁴ Doutora em Teologia pela Faculdade Est-Rs. Professora dos Cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Boas Novas- FBN.

VITRAL

ser adultos mais preocupados com o meio ambiente, além do que elas vão ser transmissoras dos conhecimentos que obtiveram na escola sobre as questões ambientais em sua casa, família e vizinhas. Assim, a Faculdade Boas Novas - FBN, preocupada sobre a conscientização ambiental criou o Projeto de iniciação Científica para os acadêmicos do Curso de Pedagogia para que, através da pesquisa científica sejam estimulados a conhecer mais sobre as questões ambientais e estejam melhor preparados para desenvolverem um trabalho de educação ambiental, tão necessário para os estudantes do Ensino Fundamental.

Portanto, a presente pesquisa científica sobre o Tema: Educação Ambiental e Responsabilidade Social: consumo responsável busca esclarecer mais sobre o papel da Educação Ambiental, a responsabilidade social e o consumo responsável como instrumento de conscientização e reflexão, para que haja uma mudança comportamental, visando a preservação do meio ambiente.

Possibilitar um espaço onde crianças e jovens possam vivenciar de forma lúdica e corporal os mistérios e revelações dos reinos da natureza e sua relação integrada aos ciclos naturais, com a percepção ambiental, semeando no espírito da criança o amor e respeito por todos os seres e preparando os jovens para uma atuação mais consciente no planeta, para uma sociedade mais preocupada em cuidar dos recursos naturais que Deus criou e oferece a sociedade, escolas, IES (Instituições de Ensino Superior), igrejas e empresas, todos são atores e parte da construção de um planeta mais saudável. A

metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica que embasarão esta pesquisa.

Educação Ambiental

Com o avanço da globalização e o aumento populacional, as cidades foram crescendo sem planejamento e o desmatamento e a degradação alcançaram patamares elevados. Além disso, com o desenvolvimento das novas tecnologias, poluiu-se mais o meio ambiente, causando efeito estufa, contaminação de rios e geração de resíduos sólidos e outros componentes não degradáveis que causam danos irreversíveis ao meio ambiente. Questões como desastres naturais, desmatamento, uso irracional da água e descarte inadequado de lixo devem ser tratadas em todos os setores da sociedade, pois podem causar danos irreversíveis à natureza.

A educação ambiental veio à tona a partir da década de 60, quando surgiu a necessidade de se conversar sobre os riscos ambientais provocados pela relação homem/natureza, e apesar de estes serem antigos, hoje, estão agravados pela desarmonia entre eles. Silva, assim conceitua educação ambiental:

A educação ambiental é um ramo da educação cujo objetivo é a disseminação do conhecimento sobre o meio ambiente, a fim de ajudar à sua preservação e utilização sustentável dos seus recursos. É um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência

VITRAL

do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir individualmente ou coletivamente na busca de soluções para os problemas ambientais presentes e futuros.⁸⁵

A partir da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tbilisi (EUA), em 1977, inicia-se um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada nos métodos da interdisciplinaridade e nos princípios da complexidade. Esse campo educativo tem sido fertilizado transversalmente, e isso tem possibilitado a realização de experiências concretas de educação ambiental de forma criativa e inovadora por diversos segmentos da população e em diversos níveis de formação.⁸⁶

De acordo com Losso, a resolução do problema ambiental se localiza no campo da cultura, do imaginário social, dos valores e da organização política e econômica global.⁸⁷ Em 1999, foi promulgada

⁸⁵ SILVA, Danise Guimarães. **A importância da educação ambiental para a sustentabilidade.** 2012. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Danise-Guimaraes-da-Silva.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021, p. 04.

⁸⁶ JACOBI, P. **Cidade e Meio Ambiente:** p=Percepções e práticas em São Paulo. São Paulo: Annablume, 1999, p. 45-48.

⁸⁷ LOSSO, M. Produção Responsável, **Revista Você S.A.** Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_273281.shtml. Acesso em: 21 fev. 2012.

VITRAL

a Lei n. 9.795, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. No artigo primeiro desta Lei, a educação ambiental é definida como:

O conjunto de processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.⁸⁸

Assim, vários autores apontam a importância de abordar a educação ambiental nas escolas, a fim de transmitir conhecimentos que visem à conscientização e reflexão dos alunos frente às questões ambientais, tão importantes para os dias atuais. Medeiros ressalta a importância de tratar a questão ambiental no ambiente escolar:

A cada dia que passa a questão ambiental tem sido considerada como um fato que precisa ser trabalhado com toda a sociedade e principalmente nas escolas. As crianças bem informadas sobre os problemas ambientais vão ser adultos mais preocupados com o meio ambiente, além do que elas vão ser transmissoras dos conhecimentos que obtiveram na escola sobre as questões ambientais em sua casa, família e vizinhas.⁸⁹

⁸⁸ BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental. Lei 9.795 de 1999.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

⁸⁹ MEDEIROS, B. Aurélia. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais.** São Paulo: USEC, 2011, p. 67.

O estudante/a estudante, quando entra em contato com os elementos da natureza e passa a se comportar de modo ambientalmente correto, entende as funções do meio ambiente para a manutenção e existência da vida, aprende a praticar ações voltadas para a conservação da natureza, aprender a respeitar e a entender a importância das questões ambientais para as novas e futuras gerações, refletindo sobre seu papel na manutenção da preservação ambiental. Tais questões refletem a preocupação de instituições de ensino em se fazer este tipo de abordagem, incorporando essa temática nos currículos escolares como temas transversais, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e agentes dessa mudança.

As instituições de ensino já estão conscientes que precisam trabalhar a problemática ambiental e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno desta questão, onde já foi incorporada a temática do meio ambiente nos sistemas de ensino como tema transversal dos currículos escolares, permeando toda prática educacional. Para Medeiros, as escolas, portanto, têm papel fundamental de disseminar informações e transmitir conhecimentos relativos ao meio ambiente, ao passo que formarão jovens com pensamento crítico e consciente, que levarão os conhecimentos adquiridos para sua casa e seu bairro, propondo ideias e soluções que

auxiliarão no desenvolvimento sustentável e na mitigação dos danos causados ao meio ambiente.⁹⁰

Há de se considerar a importância de que os professores sejam mediadores dessa proposta educativa, levando ações práticas e do dia a dia que visem à reflexão e conscientização de seus alunos. Para tanto, é necessário que o corpo docente das instituições esteja preparado para enfrentar este desafio, educando-os de forma lúdica e ratificando valores de proteção e preservação do meio ambiente.

A educação ambiental nas escolas é regulamentada como uma metodologia educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino. A disciplina é voltada ao aprendizado de ações sustentáveis e que auxiliam na conservação do meio ambiente. Aprender sobre a relevância da redução dos danos ambientais é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes e responsáveis.

Por isso, nos últimos anos, as instituições de ensino têm estimulado o estudo dessa área do conhecimento a fim de oferecer uma formação completa aos estudantes. A instituição de ensino tem um papel fundamental para propor e ajudar com ações que respeitem a vida natural. A escola pode oferecer um ambiente seguro, agradável acolhedor, possibilitando aos alunos vivenciarem as experiências práticas, terem mais oportunidades de desenvolvimento.

⁹⁰ MEDEIROS, 2011, p. 08.

VITRAL

No Brasil, a realidade diverge do que determina a lei. A temática ambiental em muitas instituições de ensino é abordada nas disciplinas de Geografia e Ciências, quando na verdade, deveria ser trabalhada em todas as matérias ministradas em sala de aula.⁹¹

O objetivo é proporcionar um processo de alfabetização mais ecológico que capte a atenção e o envolvimento de todos os estudantes para as questões do meio ambiente. Por isso, é fundamental ensinar a disciplina desde cedo às crianças, tanto em casa quanto no espaço educacional. Dessa forma, será possível desenvolver maior senso de responsabilidade nos pequenos, fazendo com que priorizem ações de cuidado ambiental, como separar o lixo e reduzir o consumo de água diário.

Geralmente, as atividades são desenvolvidas de maneira que os estudantes consigam conciliar teoria e prática. Aulas em espaços abertos, as quais proporcionem contato com os recursos naturais, por exemplo, são essenciais para o aperfeiçoamento e a melhora do processo de aprendizagem. É importante saber que cada um pode fazer sua parte e contribuir para um planeta mais harmonioso. “Um local onde todos os indivíduos se preocupem com a limpeza, descartando o lixo no recipiente correto para reutilização do mesmo para o mundo”⁹².

Existem pontos benéficos da educação ambiental nas escolas como: ajuda na construção de uma sociedade mais consciente; aumenta o contato com a natureza; auxilia a reconhecer a importância

⁹¹ MEDEIROS, 2011, p. 04.

⁹² MEDEIROS, 2011, p. 29.

VITRAL

do meio ambiente; proporciona o desenvolvimento de uma cultura sustentável; a informação teórica e prática obtida na escola é fundamental para o desenvolvimento de uma cultura sustentável como realização de atividades de redução de danos, como separar o lixo, apagar as luzes, plantar árvores, entre outras; foca na redução dos danos ambientais; estimula a participação.

Oliveira, ressalta a importância da formação profissional do docente:

No âmbito da formação profissional, é preciso distinguir a especificidade da formação de professores. É preciso então pensar na instrumentalização do professor na sua construção individual/coletiva de um saber ambiental que seja suficiente para pautar suas ações educativas e socioambientais tanto em direção à transformação das realidades consideradas desfavoráveis à sustentabilidade ambiental e à qualidade de vida e ambiental como um todo, como da valorização das práticas sustentáveis existentes.⁹³

A escola deverá ser o lugar onde esses alunos irão adquirir os conhecimentos e transmiti-los, contribuindo para formar cidadãos conscientes, preparados e contextualizados. Logo, ela deverá estar preparada para tratar as questões deste cunho levando o tema ambiental às propostas pedagógicas e incluí-la conforme a

⁹³ OLIVEIRA, R. C. **Juventude e Sociedade**: Trabalho, educação, cultura e participação. Tempo social, São Paulo: fonte editorial, 2007, p. 113.

necessidade dos alunos. “É uma questão de responsabilidade coletiva, que parte do individual, da necessidade que uma pessoa sente em melhorar o que está precisando ser melhorado”.⁹⁴

Frijot Capra, já anunciava as marcas que seriam deixadas pelo Século XX, afetando nas relações sociais, econômicas, tecnológicas, na saúde, na política. “A crise ambiental é a expressão da crise cultural, civilizacional e espiritual que a humanidade está atravessando”⁹⁵. A crise ambiental é uma das crises que estamos atravessando no início do Século XXI, logo então, a crise coagiu o ser humano a pensar sobre o seu posicionamento na sociedade, na comunidade e na família, enfim, como sujeito de um sistema.

O Consumo Responsável

Para Gomes, a educação possui papel fundamental na formulação de uma nova mentalidade, e a educação para o consumo é elemento-chave na conscientização da população em relação à sua responsabilidade social na busca do desenvolvimento sustentável do planeta.⁹⁶

⁹⁴ ALBUQUERQUE, Maria. **Educação ambiental e EJA: Percepção dos alunos sobre o ambiente.** 2013. Disponível em: <http://www.revistaaea.org/artigo.php?idartigo=1402>. Acesso em: 13 set.. 2021.

⁹⁵ CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mudança: A ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 1998, p. 19.

⁹⁶ GOMES, D. V. **Educação para o Consumo Consciente e Ético.** São Paulo: Cultrix, 2006, p. 90.

VITRAL

O desenvolvimento econômico é quem gera emprego e renda nas sociedades, em principal nas áreas urbanas, sendo responsável por sustentar essas populações, e assim evitar um caos social. Contudo, a reflexão sobre as práticas sociais, em um contexto marcado pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema, envolve uma necessária articulação com a produção de sentidos sobre a educação ambiental.

A dimensão ambiental configura-se crescentemente como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo. Essa reflexão surge a partir da década de 70 com a conceituação sobre desenvolvimento sustentável como desenvolvimento que garanta a qualidade de vida para as gerações futuras sem a destruição de sua base de sustentação que é o meio ambiente.⁹⁷

Já Kotler e Keller, chamam a atenção para que as empresas reflitam em como aprender a operar e competir nesse ambiente. Ainda concluem que os profissionais de marketing reconhecem essa nova orientação que transcende as aplicações tradicionais, ou seja, sabem fazer, mas, não podem estar dos dois lados da moeda, enquanto estrategistas e enquanto consumidores.⁹⁸

⁹⁷ VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de Sustentabilidade**: Uma análise comparativa. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 67-69.

⁹⁸ KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de Marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 1984, 55.

VITRAL

A velocidade com que os recursos naturais que dão e sustentam a vida de todas as espécies que habitam a terra vêm se esgotando é muito maior do que a natureza pode recompor. Nota-se que o desenvolvimento das economias tem responsabilidade direta nesta aceleração, como também fica cada vez mais nítido que se atitudes não forem tomadas, e, portanto, que a questão não é de decisões e sim atitudes, ter-se-á então a mão da mãe natureza agindo para defender-se das agressões. Hoje já se sofre com as consequências dos desastres naturais, que assolam grandes regiões.⁹⁹

A questão passa a equacionar o desenvolvimento econômico equilibrando consumo e sobrevivência, e permitir que os recursos tenham tempo para se renovarem. A escola enquanto formadora de caráter tem a responsabilidade de conduzir o processo de educação para o consumo responsável, inserindo novos hábitos, abordando em suas grades curriculares o tema e complementando com dinâmicas e exemplos que mostre o quanto essa geração influenciará no futuro da humanidade.

Segundo o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “deve fazer parte dos debates na escola o questionamento de valores e hábitos negativos, do ponto de vista da conservação

⁹⁹ BRAGA, Tania Moreira; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves. **Avaliação de metodologias de mensuração de risco e vulnerabilidade social a desastres naturais associados à mudança climática**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 103-105.

ambiental, como o consumismo e o desperdício, que fazem parte do cotidiano”¹⁰⁰.

Muitas escolas abordam o tema, geralmente ligado à educação ambiental enquanto aspecto do meio-ambiente, mas as questões devem estar linkadas às preocupações de poluição e degradação ambiental. Como o problema se agravou e o risco de um colapso nas condições humanas de vida é iminente, o caminho pode estar na educação, logo nas primeiras séries de formação dos jovens e adolescentes, passando a integrar na cultura da sociedade novos hábitos de consumo mais conscientes. Dib-Ferreira, analisando esse cenário explica que:

pode-se dizer que a educação ambiental tem que ser feita, desenvolvida, integrada, internalizada por todos os profissionais da escola. E não ‘ensinada’ numa disciplina sob a responsabilidade de um único professor, em dias e horários pré-determinados.¹⁰¹

Destaca-se que inter-relacionam marketing e educação, percebe-se que uma série de fatores pode influenciar o comportamento de compra do consumidor. Kotler e Keller afirmam, que o comportamento de compra do consumidor é influenciado por fatores

¹⁰⁰ BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999, p. 218.

¹⁰¹ DIB-FERREIRA, D. R. Educação Ambiental Formal: contribuição para o debate sobre sua implementação. **Anais do Vi Fórum Brasileiro De Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: 2010, p. 64-65.

culturais, sociais, pessoais e psicológicos¹⁰². Essa reflexão surge a partir da década de 70 com a conceituação sobre desenvolvimento sustentável como desenvolvimento que garanta a qualidade de vida para as gerações futuras sem a destruição de sua base de sustentação que é o meio ambiente.¹⁰³

O comportamento do consumidor é definido por Mowen e Minor, como o estudo das unidades compradoras e dos processos de satisfação do cliente e suas necessidades, e por aí explica a forte relação entre desejo e decisão de compra, sob vários aspectos culturais e psicológicos fundamentalmente, e como a educação pode contribuir para um novo significado de consumo consciente por parte das novas gerações¹⁰⁴.

Os primeiros estudos surgem na década de 60 com a aplicação da psicologia freudiana no comportamento de compra dos consumidores. Os fatores psicológicos são o ponto de partida para compreender o comportamento do modelo de estímulo e resposta, na qual Kotler e Keller, afirmam que Sigmund Freud concluiu que as forças psicológicas que formam o comportamento dos indivíduos são basicamente inconscientes e que ninguém chega a entender por completo as próprias motivações.¹⁰⁵ Os fatores psicológicos, associados a outros fatores, levam pessoas ao processo de decisão de

¹⁰² KOTLER, KELLER, 2006, p. 76.

¹⁰³ VAN BELLEN, 2005, p. 78.

¹⁰⁴ MOWEN, J. C.; MINOR, M. S. **Comportamento do Consumidor**. São Paulo: Pearson, 2007, p. 98.

¹⁰⁵ KOTLER, KELLER, 2006, p. 80-85.

compra. Intuitivamente o comprador é levado à compra de algum produto que entende que vá resolver um problema ou uma necessidade sua, que na verdade pode ser apenas um desejo para se sentir socialmente aceito. Os padrões criados pela sociedade produzem necessidades que nem sempre são reais.

Samara e Morsch, lembram que com a globalização e o fim das barreiras entre mercados, e ainda os avanços tecnológicos levados pelo advento das compras pela internet, impulsionaram as compras compulsivas pela sua facilidade¹⁰⁶. Alguns sítios de compras em grupos oferecem produtos com enormes descontos, e provocam pelo senso de oportunidade, compras de produtos que nem sempre as pessoas estão necessitando, sem se preocupar com o consumo consciente ou algum nível de consciência socioambiental, focando apenas na vantagem financeira ou até mesmo pelo prazer de consumir algum produto que pertence a outra classe ou grupo social.

Outro fator a se considerar para analisar o comportamento de consumo é a questão dos aspectos que norteiam as gerações. Pois além dessas gerações de igual relevância, outros componentes no comportamento de compra conforme Medeiros retrata:

[...] consumidores podem comprar produtos pelas sensações e imagens que estes geram em suas mentes e tendem (*sic*) também a associar sentimentos profundos de felicidade, medo, amor, esperança, orgulho, tristeza, sexualidade,

¹⁰⁶ SAMARA, B. S.; MORSCH, M. A. **Comportamento do Consumidor**. São Paulo: Prentice Hall, 2005, p. 113.

fantasia, inveja, dentre outros.¹⁰⁷ (MEDEIROS, 2008, p. 23).

Esses sentimentos são muito comuns e tem grande força nas compras por impulso que representam significativa parcela do faturamento das empresas que vendem produtos de consumo de massa. O setor industrial vem sendo um dos maiores recrutadores de profissionais que entendam de sustentabilidade. Outra opção pode ser o colaborador já ingressar na indústria com esse perfil, papel esse da carga de instrução que os alunos recebem em sua formação. O investimento da indústria nesse perfil de colaborador e gestores não acontece apenas por consciência social e ambiental.

As empresas procuram por uma vantagem competitiva para destacar seus produtos da concorrência. A vantagem competitiva vem de uma entrega de maior valor de seus produtos aos seus consumidores. Ao procurar uma vantagem, as organizações buscam em geral serem capazes de gerar maior valor econômico do que as organizações rivais. Para tanto, Barney e Hesterly, apontam como valor econômico a diferença entre os benefícios percebidos ganhos por um cliente que compra seus produtos ou serviços pelo custo total pago, incluindo os custos indiretos. Quanto maior for essa diferença em relação aos seus concorrentes maior será sua vantagem competitiva¹⁰⁸.

¹⁰⁷ MEDEIROS, 2011, p. 23.

¹⁰⁸ BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. **Administração Estratégica e vantagem competitiva**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 121-122.

Então, pode-se entender que uma linha de produtos responsáveis, bem como os aspectos que ocorrem na produção, pode agregar valor, aos olhos de seus consumidores.

A Responsabilidade Social

A sociedade moderna se caracterizou pela produção em massa, pela uniformização do pensamento, visando uma educação direcionada para a formação de seres humanos competentes e especialistas, preparados para o trabalho nas fábricas e indústrias. A origem da era pós-industrial surgiu a partir da propagação de novas tecnologias, munindo um conjunto de circunstâncias provocadas pelo desenvolvimento tecnológico. Silva, afirma que diante desta realidade, a educação moderna passa a ser criticada pelos teóricos pós-modernos como sendo alterada, exemplo disso foi “o currículo como atravessado por uma visão ideológica da sociedade e da realidade, e a pedagogia como aspecto reprodutor e da estrutura social”¹⁰⁹.

Responsabilidade social é a capacidade de colaborar com a sociedade, considerando seus valores, normas e expectativas para o alcance de seus objetivos. No entanto, o simples cumprimento das obrigações legais, previamente determinadas pela sociedade, não será considerado como -comportamento socialmente responsável, mas

¹⁰⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria Educacional Crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 125.

como obrigação contratual óbvia, aqui também denominada obrigação social.¹¹⁰

A escola, como espaço de responsabilidade social, tem como parâmetro de ação a interpretação e o desenvolvimento de competências e capacidades ou ainda de complexas reações reflexivas. Essas capacidades que vão além dos conteúdos significam a escola como um momento de acontecimentos inesquecíveis e necessários. Nela se aprende sim capacidades ou competências atitudinais, ou seja, reflexões sobre a atuação contínua na sociedade e cidadania. Candau, afirma que, “as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social religiosa dos seus sujeitos e atores”¹¹¹.

Para Duarte e Dias, a expressão responsabilidade social suscita uma série de interpretações. Para alguns, representa a ideia de responsabilidade ou obrigação legal; para outros, é um dever fiduciário, que impõe às empresas padrões mais altos de comportamento que os do cidadão médio¹¹². É preciso uma mudança de comportamento e atitudes da sociedade com a educação informal e a educação formal com a presença na escola na formação do sujeito ecológico. Nesse aspecto Candau propõe que um sujeito consciente de seus direitos, questionador, que está pronto para reivindicar ações que

¹¹⁰ OLIVEIRA, 2007, p. 204-205.

¹¹¹ CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 14.

¹¹² DUARTE, G. D. & DIAS, J. M. A. M. **Responsabilidade social: a empresa hoje**. Rio de Janeiro: Científica, 1986, p. 65.

promovam o diferencial ecológico, quando se trata de meio ambiente provavelmente, restarão poucas chances de sobrevivência do nosso planeta.¹¹³

Por outro lado, entende-se que, “o papel da educação é o de contribuir para a tomada de consciência de nossa Terra Pátria, permitindo assim, que essa consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania planetária”¹¹⁴. O conceito de cidadania é fácil de ser compreendido em nossa época, mas ainda temos dificuldade em implementá-lo, uma vez que há muitas tragédias sociais, políticas, educacionais, etc..., que impedem tal realidade de acontecer.

O livro *Os sete saberes necessários a Educação*, encontra-se escritos referente a ética do gênero humano onde Morin provoca a discussão acerca do indivíduo, sociedade e espécie, justificando “todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana”¹¹⁵. As empresas também precisam estar comprometidas com a dimensão ambiental está relacionada com os seus impactos sobre os sistemas naturais vivos e não vivos, incluindo ecossistemas, solos, ar e água. Uma empresa socialmente responsável vai, assim, procurar minimizar os impactos negativos e amplificar os positivos.

¹¹³ CARVALHO, I. C. M. **As transformações na esfera pública e a ação ecológica**. Rio de Janeiro: Educare, 2004, p. 101-102.

¹¹⁴ MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. Ed. Brasília: Cortez, 2002, p. 18.

¹¹⁵ MORIN, 2002, p. 17.

Segundo Ashley, as reflexões sobre a temática ambiental têm trazido grandes questionamentos ao papel da indústria na sociedade moderna, não só quanto à extração de insumos produtivos da natureza, mas também quanto às consequências dos modelos de produção e consumo dominantes, baseados no aumento crescente da demanda por produtos.¹¹⁶ Esse processo tem se mostrado bastante intenso nos setores industriais historicamente associados à degradação sistemática do meio ambiente.

Considerações Finais

A preocupação com o meio ambiente cresceu principalmente nas últimas décadas, haja vista as intensas transformações ambientais que o planeta está passando. A Educação Ambiental mostra-se um instrumento permanente e modificador, visando melhorar a relação do homem com a natureza, promovendo reflexões acerca dos problemas ambientais e mostrando que a qualidade de vida e as futuras gerações dependem de um desenvolvimento sustentável.

O espaço escolar se torna um local adequado para a aprendizagem e disseminação de conhecimentos sobre o meio ambiente, formando pessoas críticas e conscientes dos diversos problemas ambientais, capazes de cooperar com a preservação do meio ambiente. As questões ambientais referem-se a um processo

¹¹⁶ AHSLEY, Patrícia Almeida. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2003, p. 48.

VITRAL

permanente e constante, devendo fazer parte da vida de cada indivíduo. Portanto, deverá ser a contribuição da escola, visando à formação de críticos e pessoas conscientes, que mudarão os rumos que o planeta está tomando e que contribuirão efetivamente para um convívio harmonioso e saudável.

Destaca-se a preocupação em pequenas ações em seus hábitos de consumo, e doravante com um maior esforço poderá trazer ganhos significativos na cultura e costumes. O estado poderá melhorar o desempenho de seus educadores através de eventos de conscientização ao uso racional do consumo, para não prejudicar o desenvolvimento econômico. A destruição do meio ambiente tem forte ligação com o consumo e, sendo assim, os PCNs deveria ter mais claro as questões de consumo responsável.

A educação para um consumo responsável marca uma nova função social da educação, e será de fato a responsável pela transformação da educação como um todo, em busca de uma sociedade sustentável e uma economia saudável geradora de empregos e renda para o perfeito desenvolvimento econômico de suporte ao legado de perpetuação das espécies das futuras gerações. Um estado de equilíbrio entre a produção e o estado de bem-estar da sociedade.

A responsabilidade social tem como referência a busca de um desenvolvimento sustentável, sob as dimensões mais diversas, política, social, ambiental e humana. Todos são responsáveis pelo planeta, pelas pessoas, as empresas por seus clientes, as escolas por seus alunos, os governos pelos povos, enfim, uns pelos outros. A

dimensão do que deve ser considerado como responsabilidade social, ultrapassa o seu aspecto mais comum, como convencionalmente compreendido na discussão habitual sobre o tema, pois empresas e instituições têm de alguma maneira devolver de forma sustentável à sociedade, os recursos utilizados da natureza, do planeta, que são de todos, porém, encontram-se gerando muitas vezes lucros privados e prejuízos democratizados, danos ao planeta, às pessoas, à vida humana, mais reconhecidos nos processos de exclusão social, como a miséria.

Referências

AHSLEY, Patrícia Almeida. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2003.

ALBUQUERQUE, Maria. **Educação ambiental e EJA**: Percepção dos alunos sobre o ambiente. 2013. Disponível em: <http://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=1402>. Acesso em: 13 set.. 2021.

BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. **Administração Estratégica e vantagem competitiva**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BRAGA, Tania Moreira; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves. **Avaliação de metodologias de mensuração de risco e vulnerabilidade social a desastres naturais associados à mudança climática**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

VITRAL

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. 21. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental – Lei 9.795 de 1999**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1998.

CARVALHO, I. C. M. **As transformações na esfera pública e a ação ecológica**. Rio de Janeiro: Educare, 2004.

DIB-FERREIRA, D. R. Educação Ambiental Formal: contribuição para o debate sobre sua implementação. **Anais do Vi Fórum Brasileiro De Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: 2010.

DUARTE, G. D. & DIAS, J. M. A. M. **Responsabilidade social**: a empresa hoje. Rio de Janeiro: Científica, 1986.

GOMES, D. V. **Educação para o Consumo Consciente e Ético**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 90.

JACOBI, P. Cidade e Meio Ambiente: percepções e práticas em São Paulo. São Paulo: Annablume, 1999.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de Marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 1984.

LOSSO, M. Produção Responsável, **Revista Você S.A.** Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_273281.shtml. Acesso em: 18 set. 2020.

MEDEIROS, B. Aurélia. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. São Paulo: USEC, 2011, p. 67.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. Ed. Brasília: Cortez, 2002.

MOWEN, J. C.; MINOR, M. S. **Comportamento do Consumidor**. São Paulo: Pearson, 2007.

OLIVEIRA, R. C. **Juventude e Sociedade**: Trabalho, educação, cultura e participação. Tempo social, São Paulo: fonte editorial, 2007,

SAMARA, B. S.; MORSCH, M. A. **Comportamento do Consumidor**. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria Educacional Crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de Sustentabilidade**: Uma análise comparativa. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

O TRABALHO ECLESIAÍSTICO FEMININO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

Hélia Virgínia Hatta de Oliveira; Maria Emília de Souza¹¹⁷
Sergio Becker Silveira¹¹⁸

Introdução

Muitos são os desafios que existem com relação as mulheres em exercer o trabalho eclesiástico nas igrejas evangélicas. A sociedade em geral tem presenciado a alienação e a exclusão social que a mulher viveu durante muitas gerações e que perdura nos dias atuais. A maioria das mulheres foi tratada como ser sem importância alguma, apenas para exercer papéis e funções delimitadas, sendo responsáveis pelas tarefas domésticas e educação dos filhos, e não tinha vez e voz, principalmente nas funções ministeriais eclesiásticas.

Sendo assim, a mulher tem lutado por novos espaços e papéis sociais na sociedade e na igreja, é evidente que a trajetória feminina tem se estabelecido em um mundo que antes era dominado somente pela figura masculina, embora ainda haja resistência e desafios, como a violência doméstica, a desigualdade salarial, as barreiras no exercício ministerial eclesiástico. Porém, as mulheres avançam sejam

¹¹⁷ Graduandos em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

¹¹⁸ Mestre em ciências empresariais pela Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal, Bacharel em Teologia pelo Seminário Concordia de Porto Alegre-RS.

elas solteiras, casadas, brancas ou negras, são estereótipos que tem se firmado como personalidades que tem assumido o controle de muitos espaços, mesmo com tantos desafios, as mulheres têm alcançados muitos patamares. Este artigo abordará essa temática com mais clareza no decorrer do artigo.

Considerando tais questões e a relevância da temática, foram levantados o seguinte problema: De que modo as mulheres realizam o trabalho eclesial nas Igrejas evangélicas? Após uma análise teórica, percebe-se que as mulheres têm enfrentado diversos desafios quanto ao seu ministério. É possível destacar que o trabalho eclesial feminino é marcado por uma constante busca de lugar no espaço eclesial.

O presente trabalho foi dividido em três seções que possibilitará uma melhor compreensão do tema pesquisado, que tem como objetivo geral compreender o trabalho eclesial das mulheres nas igrejas evangélicas. Portanto, esse trabalho é de suma importância para a igreja, academia e sociedade, pois trata-se de uma pesquisa que aborda fatores relevantes sobre as mulheres e o trabalho eclesial. No entanto, as mulheres continuam a enfrentar muitos desafios no que tange o trabalho dentro da igreja, e este trabalho aborda tais fatores.

O Trabalho Eclesial Feminino nas Igrejas Evangélicas

Em relação ao trabalho eclesial feminino, no tocante à atuação das mulheres, foi possível perceber, ao longo da história da

igreja evangélica, como era perceptível o desempenho das mulheres no ministério eclesiástico em diversas denominações. Rosário, afirma que a disposição das mulheres eram bastante atuante e assumiam responsabilidades, e que muitas denominações não admitem cargos de liderança à mulher, mas isso não é posição unânime, pois outras reconhecem a dedicação e empenho manifestado pelas mulheres.¹¹⁹

David Yonggi Cho no início do ministério diagnosticou que as mulheres respondiam primeiro e que faziam o trabalho com mais qualidade e responsabilidade que os homens. Isto fez com que ele quebrasse os dogmas e preconceitos culturais da Coreia, em relação à liderança e ao pastorado feminino. Hoje na sua igreja, com mais de setecentas mil pessoas, o potencial feminino é o grande destaque de crescimento do Reino de Deus naquele país.¹²⁰

O trabalho feminino nas igrejas evangélicas é considerado por muitos teóricos como um fenômeno religioso atual, pelas dificuldades que possui em relação ao posicionamento de uma hierarquia eclesiástica masculina. Conforme Chantal, “isso é fruto de uma longa história marcada por uma cultura e um discurso androcêntrico”¹²¹. Isso se dá pelo preconceito que ainda existe na atual sociedade.

¹¹⁹ ROSÁRIO, Alexandra Costa Santana do. A mulher e o trabalho eclesiástico: uma reflexão a partir do olhar evangélico. **Revista Eletrônica da Faculdade Evangélica do Paraná**. Curitiba, 2012.

¹²⁰ ROSÁRIO, 2012, p. 101.

¹²¹ CHANTAL, Graziela Rodrigues da Silva. Eis que vos digo: Essas são as novas líderes eclesiásticas, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por

No âmbito da religião, assim como em todos da sociedade, no meio acadêmico, nas relações de trabalho, na política, na economia, enfim, gênero é um pano de fundo nas relações. Refere-se às construções que a sociedade faz, e que determinam o papel que se atribui a mulheres e homens numa cultura específica.¹²²

De acordo com Bingemer, “a discriminação contra as mulheres na igreja se relaciona a questões mais profundas do que simplesmente o poder físico, formação intelectual e a habilidade de trabalhar”¹²³. No entanto percebe-se que a igreja ainda é formada por uma forte identidade patriarcal, refletida não só na parcialidade intelectual, mas também no que se pode denominar de superioridade.

Rosário afirma, “com relação ao campo ministerial eclesialístico, [...] foi possível perceber, ao longo da história da igreja evangélica, como era perceptível o desempenho das mulheres no ministério em diversas denominações¹²⁴”. Porém, em algumas denominações que não tem cargo de liderança para mulheres geralmente são igreja tradicionais que dentro de sua doutrina ou até estatutos não permitem atuação feminina.

meio do chamado de Deus. **Revista Pista**: Periódico Interdisciplinar. Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 61-72, ago./nov. 2019, p. 61.

¹²² CHANTAL, 2019, p. 63.

¹²³ BINGEMER; Maria Clara Lucchetti. **A mulher na igreja e na sociedade**. Annales, Belo Horizonte, 2017, p. 75.

¹²⁴ ROSÁRIO, 2012, p. 100.

No entanto, as mulheres continuam a enfrentar muitos desafios no que tange o trabalho dentro da igreja. Ivone Gebara, aborda a dificuldade para as mulheres no meio eclesial lidarem com as hierarquias masculinas, rompendo essa cultura com uma voz que ecoa e passa a exercer um novo jeito de viver a fé que professa.¹²⁵

O trabalho eclesial feminino é marcado por uma constante busca de lugar no espaço eclesial. Segundo Mello e Lima, “Conquanto os desafios desta nova empreitada são imensos, pois muitas pessoas na sociedade ainda são contra a presença feminina no púlpito das igrejas no papel de pastoras”¹²⁶. Observa-se que existem inúmeros fatores que ainda impedem as mulheres de exercer funções eclesialísticas.

Muitas mulheres no Brasil estão procurando se preparar para ocupar os cargos de liderança nas igrejas evangélicas. Na medida em que tentam buscar o pastorado feminino, no entanto, elas precisam se adaptar ou transformar um contexto marcado por um processo histórico em que as igrejas cristãs são instituições sumamente patriarcais e que, conseqüentemente, suas

¹²⁵ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGESCH, Karen, PARLOW, Mara. (Org.). **Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 101.

¹²⁶ MELLO, Adriana Girão; LIMA, Daniel Barros de. A Mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. **Coisas de gênero**, São Leopoldo, 2016. p. 126.. Disponível em: <http://periódicos.este.edu.br/index.php/genero/>. Acesso em: 25 out 2020

VITRAL

doutrinas, estrutura e liturgia colocam sempre os pastores superiores a elas.¹²⁷

De acordo com Mello e Lima, “os anseios da mulher pelo exercício de funções de liderança dentro das igrejas provocam tensões”¹²⁸. Desse modo, muitas denominações permitem o exercício de lideranças femininas, porém ainda existem muitos desafios principalmente quando se trata da figura masculina, que por vezes se opõe ao ministério feminino.

Mesmo nas denominações religiosas que permitem o pastorado feminino, a hierarquia permanece fortemente marcada pela figura masculina e isso cria vários pontos de divergências entre as líderes e os representantes da parcela masculina. Portanto, no exercício do trabalho feminino eclesiástico, ainda existe preconceito em algumas denominações, porém essas mulheres são destaques em muitas funções realizadas por essas igrejas que deveriam valorizar esse grupo feminino.

Os Principais Desafios do Trabalho Eclesiástico Feminino

Muitos são os desafios em relação ao sexo feminino no tocante à sua atuação profissional tanto na sociedade quanto ao trabalho eclesiástico, e isto perdura há muitos séculos. A sociedade pôde

¹²⁷ MELLO; LIMA, 2016, p. 127.

¹²⁸ MELLO; LIMA, 2016, p. 131.

VITRAL

presenciar o sofrimento, a alienação e a exclusão social que a mulher viveu durante muitas gerações. Dessa forma, a figura feminina sempre desempenhou funções delimitadas, sendo responsáveis pelas tarefas domésticas e educação dos filhos. As mulheres não tinham direito à profissão, o acesso à escola era limitado, e conseqüentemente, elas viviam sob domínio do homem, primeiro pelo pai e depois pelo esposo. Melo e Lima Afirmam:

Conquanto os desafios desta nova empreitada são imensos, pois muitas pessoas na sociedade ainda são contra a presença feminina no púlpito das igrejas no papel de pastoras, e muitos homens recusam sua autoridade, por considerar a mulher incapaz de exercer funções tradicionalmente exercidas por homens, como o pastorado.¹²⁹

Desde a época mais remota a mulher já enfrentava muitos desafios. Um dos principais desafios que as mulheres enfrentam é a discriminação, na igreja isso se relaciona com questões mais profundas do que simplesmente o poder físico, formação intelectual e a habilidade de trabalhar. “A igreja ainda é formada por uma forte identidade patriarcal. Por trás dessa identidade patriarcal subjaz a crença na superioridade masculina”¹³⁰.

¹²⁹ MELLO; LIMA, 2016, p. 131.

¹³⁰ BINGEMER, 2017, p. 35.

VITRAL

Na história da igreja, as mulheres foram mantidas a uma distância prudente do sagrado e de tudo em sua volta, como a liturgia e os objetos rituais, e longe da mediação direta com Deus. Enquanto tudo isso exigia um corpo “puro”, havia uma dúvida considerável de que as mulheres pudessem aspirar a tal pureza. Apesar de todo o progresso alcançado, incluindo a participação das mulheres em diversos níveis da vida eclesial, um estigma vinculado à mulher como uma fonte sedutora para o medo, pecado e uma ameaça à castidade masculina e celibato clerical, ainda continua.¹³¹

Mesmo depois de terem conquistado muitos espaços e os seus direitos muitas mulheres vêm enfrentando desafios nada fáceis. “Essas situações se repetem em diversos lugares, como o fato de ela primeiro ter que provar ser tão capaz quanto um obreiro homem, para então ser aceita, ter seu trabalho reconhecido”¹³². São desafios que ocorrem em vários lugares, isso não é uma tarefa simples, mas que é preciso dar mais atenção a essa situação. Ivone Gebara, aborda a dificuldade para as mulheres no meio eclesial lidarem com as hierarquias masculinas, rompendo essa cultura com uma voz que ecoa e passa a exercer um novo jeito de viver a fé que professa.¹³³

¹³¹ BINGEMER, 2017, p. 35.

¹³² FERNANDES, Ligiane Taiza Muller. **Mulheres e ordenação na (IECLB) novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado**. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010, p. 79.

¹³³ GEBARA, 2008, p. 115.

As mulheres precisam vencer alguns desafios para conquistar seu espaço no meio eclesial, precisam se apoderar da importância da sua prática, e perceber que o trabalho realizado dentro da igreja é reconhecido, não pelos homens, mas por um Deus que sempre terá a justa recompensa.

Os Estereótipos de Mulheres

Entende-se que estereótipo é a uma imagem simplificada de um grupo de pessoas que possa apresentar uma certa qualidade. Para Tambke “Ela pode ser entendida tanto como uma representação positiva como pejorativa”¹³⁴. Estereótipos são entendidos como figuras ou imagens de algo ou alguém, está relacionado também com o perfil de cada pessoa.

Em outras palavras, o estereótipo tem várias camadas de significados, entre a desde uma mensagem direta e imediata a outras implícitas. Essa complexidade em discutir a diferença envolve “sentimentos, atitudes e emoções e mobiliza medos e ansiedades.”¹³⁵

Várias definições surgiram no mundo acadêmico para a palavra estereótipo, devido a diversos autores dedicarem-se a investigação deste tema, que atualmente tem ganhado destaques em

¹³⁴ TAMBKE, 2013, p. 124.

¹³⁵ TAMBKE, 2013, p. 125.

VITRAL

muitos trabalhos científicos. Para Freitas etnologicamente, o mesmo é formado por duas palavras gregas: STEREOS, que significa rígido, sólido e TÚPOS que significa traço.

O primeiro estudo sobre estereótipos teve início na década de 20, pelo jornalista americano Walter Lippman, na sua obra *Public Opinion* (1922), onde relatou que as pessoas tomavam rapidamente uma série de decisões, sobre diversos assuntos, quando muitas vezes não possuíam nenhum conhecimento sobre os mesmos, sendo que na falta de informação para serem decisões racionais, elas acabavam apoiando-se em crenças de conhecimento geral da sociedade.¹³⁶

Entretanto, os estereótipos são considerados manifestações das mais antigas na cultura, pois, estão introduzidas nos contos de fada, nas narrativas populares, nas canções da idade média. Numa fase inicial, o estereótipo é compreendido como uma imagem entreposta entre o indivíduo e a realidade, com carácter subjetivo e pessoal, cujo desenvolvimento assenta no conjunto de valores do indivíduo.

Dentro do contexto religioso e principalmente na igreja, os estereótipos de mulheres sempre foi vista como sujeito secundário, limitada e dependente do homem. Ao analisar esses estereótipos suas raízes foram transmitidas de geração em geração, predominando em todas as classes sociais a imagem da mulher como sexo frágil, dependente do homem, alimentando a ideia de que a mulher nasceu

¹³⁶ FREITAS, 2014, p. 114.

para desempenhar atividades limitadas, pré-definidas e diferentes do homem.

Para o homem, pode em alguns casos ser cômodo que a mulher permanecesse como apenas uma ajudante, no que diz respeito a administrar o lar e cuidar da educação dos filhos. Neste caso, o homem estaria sempre numa posição superior a esposa, pois tem controle dos atos dela e de suas limitações. A esposa não teria, nestas circunstâncias, oportunidade para desenvolver-se integralmente como pessoa, como profissional atuante na sociedade. Seu papel sempre estaria em servir seu esposo. E este, muitas vezes, poderia ajudá-la a lembrar que esta realidade jamais mudaria, lisonjeando a sua função¹³⁷.

Atualmente, percebe-se que a sociedade apresenta um padrão feminino de ser, de beleza e de comportamento, todos trazidos pela modernidade e os movimentos feministas que influenciaram as mulheres do século XXI. A mulher de hoje busca suas referências no uso e na aparência. A televisão tem se encarregado, através das novelas e outros programas, em ditar conceitos de moda, estilo, decoração, comportamento, formas de pensamento. Porém, aos poucos, a mulher foi conquistando o seu espaço e desfazendo a imagem a ela atribuída. Receberam, a princípio, espaço em alguns setores, e conforme demonstravam os seus talentos e capacidade, outros campos a elas foram confiados.

¹³⁷ ROSÁRIO, 2012, p. 99.

VITRAL

Nesse aspecto a mulher em seus estereótipos tem lutado contra discriminações por longos períodos, pois havia muita resistência em libertar a mulher de uma cultura opressora e dominadora, e por isso as mulheres esperam que exista consciência por parte da sociedade e da igreja.

Considerações Finais

O presente trabalho teve a pretensão de perceber e tornar visível alguns dos desafios que as mulheres encontram na vivência diária do trabalho eclesialístico na igreja evangélica. No entanto, almejou apontar para as possibilidades em indicar sinais positivos, experiências cotidianas, que possam ser sinal de crescimento e de realização tanto para as mulheres quanto para as comunidades e para as Igrejas em geral, sinais que a presença e participação das mulheres trazem para o trabalho realizado.

As mulheres sempre estiveram presentes na história tanto da Igreja como em toda a sociedade, e desde os primórdios as mulheres vem tentando ganhar espaço e voz. O reconhecimento das mulheres no âmbito religioso ou social sempre foram de dificuldades e desafios, porém, os esforços das mulheres para conquistarem esses espaços, tem sido relevante, pois elas não desistem e continuam a lutar por seus direitos e posições.

Portanto, para que as mulheres consigam exercer seu trabalho ministerial, sem ter que desistir no caminho, elas precisam

reconhecem que o caminho trilhado é de desafios, mas que não é impossível, pois ainda existem muitos espaços que ainda precisam ser ocupados e os caminhos a serem trilhados para alcançá-los por mulheres fortes e determinadas.

Referências

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A mulher na igreja e na sociedade. *Annales*, Belo Horizonte, v.2 n.4, 2017

CHANTAL, Graziela Rodrigues da Silva. Eis que vos digo: Essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus. **Revista Pista**: Periódico Interdisciplinar. Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 61-72, ago./nov. 2019.

FERNANDES, Ligiane Taiza Muller. Mulheres e ordenação na (IECLB) novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGESCH, Karen, PARLOW, Mara. (Org.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

GEBARA, Ivone. O que é Teologia Feminista. **COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS**. 1º EDIÇÃO EBOOK 2017.

MELLO, Adriana Girão; LIMA, Daniel Barros de. A Mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. **Coisas de gênero**, São Leopoldo, 2016. Disponível em:

VITRAL

<http://periódicos.este.edu.br//index.php/genero/>. Acesso em: 25 out 2020.

ROSÁRIO, Alexandra Costa de Santana do. Mulher e o Trabalho Eclesiástico: Uma reflexão a partir do olhar evangélico. **Revista Eletrônica da Faculdade Evangélica do Paraná**, Curitiba, v.2, n.3, p. 97-107, jul./set. 2012.

SUICÍDIO ENTRE PASTORES: NA PERSPECTIVA SOCIOLOGICA E TEOLÓGICA

Antônia Pinheiro¹³⁸
Luis Artur Rocha Santos¹³⁹

Introdução

O suicídio tem sido um fenômeno bastante discutido e visto de diversas formas, de acordo com a interpretação de época, localidade ou cultura. Quando se trata desse assunto, podemos perceber a sua complexidade, principalmente quando este debate se refere ao suicídio entre pastores. Estaremos analisando sobre quais fatores contribuem para que pastores cometam suicídio.

Dessa maneira, a proposta desse estudo é propiciar uma discussão sobre essa temática, procurando compreender estes fatos no âmbito social e teológico. Com a aproximação desses dois aspectos, buscamos meios para uma melhor compreensão desse ato que atinge todos os níveis e classes da sociedade. o objetivo analisar os fatores que levam pastores na tomada de decisão de cometerem o ato suicida. Sendo assim, a intenção é proporcionar o diálogo para minimizar o preconceito e derrubar os “muros” que implicam na não discussão desse assunto, que tem feito muitos pastores de vítimas.

¹³⁸ Graduando em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

¹³⁹ Graduando em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

Enfim, neste artigo trabalharemos três seções: a primeira falaremos sobre o suicídio segundo a perspectiva sociológica, a segunda acerca dos fatores influenciadores que levam pastores à prática do suicídio e a terceira dos meios preventivos contra o aumento do suicídio entre pastores.

O Suicídio Segundo a Perspectiva Sociológica Durkheimiana

Émile Durkheim é um dos mais importantes sociólogos que se debruçou sobre a questão do suicídio, procurando compreender os fatores e os comportamentos no contexto social, objetivando a partir de seus estudos trazer respostas para a sociedade. No ponto de vista da sociologia existem várias hipóteses, porém esse ponto de partida mostra que o suicídio não pode ser estudado isoladamente ou contemplando apenas o indivíduo.

A sociedade deve ser a principal unidade de análise, tendo para isso uma ciência da sociedade independente de outras, sendo que esta é distinta das demais devido o objeto de estudo, pela objetividade que registra suas análises e a maneira que remete ao empírico. Como já foi mencionado, o escritor francês estipula no campo da ciência sociológica, um objeto de estudo que determina as ações do indivíduo, exercendo

influências sobre os mesmos. Este objeto é considerado fato social, conforme menciona Durkheim:

Toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou, ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.¹⁴⁰

Aprofundando no assunto, visualizamos uma análise de fatores extras sociais como estados psicológicos como: raça, hereditariedade, fatores cósmicos e imitação. Termos que foram desclassificados como causas principais para predisposição do suicídio. Outro contexto que mencionavam na época do sociólogo era sobre loucura-suicídio, onde foi realizada uma apurada pesquisa concluindo que tal fato não está diretamente ligado ao suicídio.

Segundo Durkheim, “saber se o suicídio é um ato próprio dos psicopatas, impõem-se determinar as formas que ele assume na alienação mental e ver depois se os psicopatas são os únicos a quem ele afeta”¹⁴¹. Diante do exposto, o sociólogo identifica nas causas e fatores sociais a forma mais precisa para desvendar os caminhos percorridos por um suicida até cometer o ato propriamente dito, abrangendo com isso, os diversos tipos de suicídio.

¹⁴⁰ DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2000, p. 11.

¹⁴¹ DURKHEIM, 2000, p. 180.

Tipos de Suicídio

O suicídio egoísta refere-se à dissolução dos laços sociais. Sem vínculo com a sociedade que os cerca, tornam-se suscetíveis a se isolarem, não encontrando significado em sua própria vida. Segundo Durkheim, “o individualismo excessivo não tem por resultado apenas favorecer a ação das causas suicidógenas, mais é, em si mesmo, uma causa desse gênero”¹⁴². O suicídio altruísta é o suicídio voltado para as inclinações da sociedade, às vezes, sob a imposição da mesma. Temos como exemplo os muçulmanos que colidiram com o World Trade Center em Nova Iorque, em 2001. Existe o excesso de individuação. Em seu livro suicídio Durkheim adverte:

Uma vez que chamamos de egoísmo o estado em que se encontra o eu quando vive sua vida pessoal e só obedece a si mesmo, a palavra altruísmo expressa o estado contrário aquele em que o eu não se pertença em que se confunde com outra coisa que não ele, em que o polo de sua conduta está situado fora dele, ou seja, em um dos grupos de que faz parte.¹⁴³

O suicídio anômico possui uma grande relevância para a sociedade. Durkheim diante de suas análises, mencionou que as crises industriais, financeiras e de prosperidade são fatores que contribuem

¹⁴² DURKHEIM, 2000, p. 261.

¹⁴³ DURKHEIM, 2000, p. 275.

para este tipo de suicídio. Estas exigem uma mudança de vida das pessoas, mudando sua conduta perante a sociedade ou comunidade onde vivem, influenciando na maioria das vezes de forma agravante sobre a disposição do suicídio. Este tipo é causado especificamente pela ausência de lei ou regras. Em nossas sociedades modernas, a anomia é um fator regular e específico do suicídio, sendo uma das fontes que aumenta o contingente anual. Por isso estamos diante de um tipo distinto dos outros. Tornando diferente não da forma que estes indivíduos estão ligados a sociedade, mas como ela os regula.¹⁴⁴

Os tipos de suicídios norteiam os estudiosos para que possam buscar respostas mais concretas junto a sociedade e também possibilitam nesta divisão, compreender os fatores que influenciam na prática do suicídio.

A Depressão Como uma das Causas do Suicídio dos Pastores

Depressão é uma doença psiquiátrica crônica e recorrente que produz alteração do humor caracterizada por tristeza profunda e forte sentimento de desesperança. Ela é um fenômeno que ocorre mundialmente e atinge todo o tipo de pessoas, independentemente de sua classe social ou credo religioso. Segundo Lopes:

o diagnóstico da depressão é tão complexo quanto a doença. Ela não pode ser medida nem

¹⁴⁴ DURKHEIM, 2000, p. 255-257.

VITRAL

diagnosticada com a precisão de um raio-X. Ela atinge pessoas diferentes de modos diferentes. A depressão de uma pessoa pode parecer totalmente diferente da depressão de outra. Alguns a resistem, outros capitulam, impotentes em suas garras.¹⁴⁵

Podemos dizer que ela possui várias faces e que mediante tal complexidade, é preciso cuidado e uma análise precisa sobre o caso, ao invés de menosprezá-la. Muitos espiritualizam o fato e não procuram cuidados médicos, tornando “presas fácies” na mão daquela que os dominam. Segundo Lopes:

A depressão rouba o sono, tira o apetite e esmaga a força. Ela deixa suas vítimas estioladas, secas e vazias como um morto-vivo. Ela empurra o indivíduo para a caverna da solidão, embaça seus olhos, esvazia seus sonhos, surrupia suas energias e o faz flertar com a morte. A depressão, via de regra, é desencadeada por circunstâncias que nos sobrevêm e tiram o leme da vida de nossa mão.¹⁴⁶

Considerada uma das doenças que mais mata, segundo Solomon, “a depressão ceifa mais anos que a guerra, o câncer e a aids juntos”¹⁴⁷. Neste sentido, apesar dessas informações que circulam nas mídias sociais, nas academias muitos pastores desprezam esses dados,

¹⁴⁵ LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio**: causas, mitos e prevenção. São Paulo: Ed. Hagnos, 2007, p. 60.

¹⁴⁶ LOPES, 2007, p. 61.

¹⁴⁷ SALOMON, Andrew. **O Demônio do Meio Dia**: Uma anatomia da depressão. São Paulo: Schwartz, 2009, p. 26.

o que acarreta o não cuidado da saúde, e quando se refere à depressão caracterizam como um mal que não pode alcançar os mesmos.

Porém, Lopes, afirma “ela é a doença do século. Ela ataca ricos e pobres, velhos e crianças, religiosos e ateus. A doença da mente é uma doença real e tem graves impactos no corpo”¹⁴⁸. Como já foi mencionado a depressão não faz distinção entre pessoas, cabe aos indivíduos reconhecerem a necessidade da prevenção e dialogarem com outras áreas do saber para compreenderem a complexidade deste fato.

A Síndrome de Burnout e os Pastores

A síndrome de Burnout, é um esgotamento total, relacionada com o excessivo esforço físico, mental ou emocional, seguido de poucos momentos de descanso ou descontração. Foi assim denominada pelo psicanalista alemão Freudenberger, nos anos de 1970, fazendo referência a grupos de profissionais da saúde, diante de uma carga excessiva de trabalho. Atingindo com isso muitos profissionais em áreas distintas, tonando-se um objeto de estudo no contexto da saúde pública. Lopes afirma:

A medicina psicossomática e os estudos sobre o estresse, como descrito por Burnout, tratam do esgotamento humano e deixam claro que esse esgotamento já é uma realidade na saúde

¹⁴⁸ LOPES, 2007, p. 55.

VITRAL

pública. O esgotamento humano gerado por um grau excessivo de estresse negativo tem lançado pessoas num vale social.¹⁴⁹

Há três tipos de esgotamento associados à síndrome de *burnout*. O primeiro é o físico, que consiste em baixa produtividade, fadiga crônica, fraqueza, cansaço, propensão a acidentes, aumento na suscetibilidade a enfermidades, enxaquecas frequentes, náuseas, tensão muscular e mudanças globais nos hábitos alimentares e de sono.

O segundo tipo é o emocional, que diz respeito a sentimentos de depressão, desesperança, impotência; perda dos mecanismos de luta e controle; tendência a exageros; sentir-se emocionalmente depauperado, irritável, nervoso. E o terceiro é o mental, que abarca desenvolvimento de atitudes negativas em relação ao trabalho, à vida e a si próprio; baixa autoestima; sentimentos de inadequabilidade, inferioridade e incompetência; desenvolvimento de atitudes negativas e pejorativas voltadas aos colegas de trabalho.¹⁵⁰

Diante da complexidade da vida, observa-se que muitos pastores esquecem que são humanos, que necessitam de cuidados tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Se dedicam diuturnamente no cuidado dos seus discípulos e na administração de suas congregações, porém esquecem que a sobrecarga de trabalho os

¹⁴⁹ LOPES, 2007, p. 17.

¹⁵⁰ CPAD NEWS. **Suicídio de Pastores.** Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/suicidio-de-pastores-e-sindrome-de-burnout.html>. Acesso em 27 out. 2020.

VITRAL

levará ao colapso. Esta síndrome para ser evitada necessita de equilíbrio, onde o bem estar espiritual deve estar ligado a saúde física, mental e psicológica. Conforme mencionado é vital que estes fatores sejam estudados levando em consideração tanto a visão sociológica quanto a perspectiva teológica, realizando uma análise a luz da Bíblia.

A Visão Cristã acerca do Suicídio

As instituições cristãs tem enfrentado dificuldades para explicar mortes causadas por suicídio, tanto de líderes quanto de sua membresia. Esses casos tem sido um fator preponderante na avaliação das consequências e na quebra de “tabus” que perduram ao longo da história. Muitos endemonizam tais complicações físicas e psicológicas, complicando o quadro clínico das pessoas, que em busca de solução diante das complicações almejam pela morte.

A contribuição da religião no tratamento da depressão pode ser positiva ou negativa, isso depende da flexibilidade e da maturidade do envolvimento religioso. A religião pode fazer a ponte necessária para que o indivíduo busque cuidados médicos e alcance a cura, como também pode servir de muralha para que o mesmo não tenha acesso ao tratamento médico necessário, contribuindo para o aumento do seu sofrimento.

A Bíblia relata na carta de 1 Coríntios, como o corpo do homem como templo do Espírito Santo, por isso não se deve atentar contra a própria vida. A saúde do corpo deve ser priorizada como um

VITRAL

todo, contribuindo com isso para valorização da própria vida. Qualquer postura contrária a tais cuidados, poderá contribuir para distorção dos ensinamentos bíblicos.

Conforme está escrito, “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo”.¹⁵¹ Quando se refere ao cuidado do corpo, trata-se de prevenção e zelo pela nossa própria saúde física e mental.

As consequências do suicídio no âmbito pastoral tem sido um fato real e cada vez mais comum. Isto nos leva a refletirmos e compreendermos que tal comodidade atinge qualquer pessoa independente da função que esteja exercendo. Muitos personagens na Bíblia, diante de momentos difíceis desejaram a morte e nem por isso foram considerados inferiores aos outros cristãos ou condenados ao inferno.

Pensar que as pessoas que creem em Deus não se desesperam é um grande engano e estas também chegam a ponto de paquerar com a própria morte. Homens de boa conduta como Moisés, Jó, Elias e Jonas almejavam a morte e pediram para morrer.¹⁵² (Lopes, 2007, p. 121).

¹⁵¹ BIBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida:** Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 1387.

¹⁵² LOPES, 2007, p. 121.

VITRAL

Existem aqueles que dizem que não tem perdão para quem comete este sacrilégio e endereçam a alma deste para o inferno. A Bíblia diz que o único pecado imperdoável é a blasfêmia contra o Espírito Santo, e este não se refere ao suicídio. Segundo a Bíblia “Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens”.¹⁵³

Diante do cenário contemporâneo pode-se contemplar que a teologia passa por mudanças, onde está tem dialogado com outras disciplinas procurando romper os preconceitos. Com o seu discurso interdisciplinar tem provocado as instituições cristãs, para repensarem sobre sua visão de mundo e ao mesmo tempo mostrando que tais adversidades fazem parte de nossa vida cotidiana.

Indicações de Prevenção Contra o Suicídio Entre Pastores

Enquanto não se visualiza o suicídio como grave problema de saúde pública, não será dada a verdadeira atenção que merece a prevenção. Quando nos antecipamos no cuidado para nos prevenir de uma possível causa do suicídio evitamos sequelas profundas e poupamos muitas vidas de sofrimentos e traumas irreparáveis. Apesar dessa causa de morte ser um assunto bastante antigo, nos dias atuais ainda não se fala abertamente quando discutimos sobre o tema

¹⁵³ BÍBLIA, 2010, p. 1115.

VITRAL

proposto, devido o “tabu” que somente será quebrado através de uma sensibilização da sociedade e das comunidades cristãs. No que se diz respeito a prevenção contra o suicídio entre pastores, um suicida em potencial deve ser tratado sobre a ótica de três elementos básicos que são: medicamentos, terapia e fé.¹⁵⁴

A depressão é a principal causa de suicídios de pastores e a mesma é considerada uma doença. Existem muitos casos de distúrbios psicológicos que é preciso a intervenção do caso aplicando terapia e uso de medicamentos por parte de um terapeuta. Por isso, não é aconselhável atribuir a causa do suicídio exclusivamente a situações espirituais.

A necessidade de um conselheiro no que tange o comportamento psicológico do cristão é de vital importância. Em situações de desgaste emocional, o psicólogo, ouvirá a pessoa e mostrará saídas diante do problema, encorajando a vencer seus próprios medos. Conforme menciona Gary Collins em seu livro aconselhamento cristão:

O objetivo do aconselhamento é dar estímulo e orientação às pessoas que estão enfrentando perdas, decisões difíceis ou desapontamentos. O processo de aconselhamento pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade; ajudar as pessoas a enfrentar melhor as dificuldades da vida, os conflitos interiores e os bloqueios emocionais; auxiliar os indivíduos, famílias e casais a resolver conflitos gerados por tensões

¹⁵⁴ LOPES, 2007, p. 149.

VITRAL

interpessoais, melhorando a qualidade de seus relacionamentos; e, finalmente, ajudar as pessoas que apresentam padrões de comportamento autodestrutivos ou depressivos a mudar de vida.¹⁵⁵

O terceiro tópico que configura o tripé da prevenção contra o suicídio é a fé, esta fortalece o homem, pois lhe dar esperança e convicção de superação diante de causas impossíveis. Segundo Lopes, “O cultivo da espiritualidade conforme ensina a Palavra de Deus é, certamente, um dos fatores mais decisivos para a sanidade mental”¹⁵⁶. Quando mencionado a palavra fé, denota a certeza de que existe alguém superior que rege a nossa vida, nos ajudando a vencer as adversidades.

Conforme menciona Salomon, a vida do cristão não é dele próprio, não cabendo a este cometer suicídio. A pessoa controla sua vida e seu corpo, porém não pode destruir.¹⁵⁷ Apesar de haver diversas interpretações sobre o assunto. Podemos dizer que não existe pecado que Deus não possa perdoar. Cristo morreu na cruz, pagou a nossa dívida. Todavia, o mesmo sacrifício que cobre os pecados que permanecerão conosco até o momento de nossa morte é o que cobrirá um pecado como o suicídio. Está escrito no livro de Romanos:

¹⁵⁵ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 17.

¹⁵⁶ LOPES, 2007, p. 155.

¹⁵⁷ SALOMOM, 2009, p. 147.

VITRAL

Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.¹⁵⁸ (BÍBLIA, Romanos, 8:38,39).

Por mais complexo que seja o assunto, existem os meios preventivos, onde os pastores poderão utilizar dessas ferramentas para ajudar a si próprio em seus conflitos, servindo de exemplo para suas comunidades, norteados para encontrarem soluções antes que pensem em cometer o suicídio.

Considerações Finais

Neste texto, apresentou-se de maneira simplificada uma compreensão do suicídio entre pastores na perspectiva sociológica e teológica. O objetivo é trazer para mais perto das instituições cristãs este tema com o intuito de abrir espaço para o debate. Demonstrando que o suicídio pode deixar de ser um “tabu”, quando for visto sobre a vertente social e espiritual, levando em consideração que este fato social abrange de forma coletiva e atinge todas as classes e pessoas independente da fé que professem.

Preservar os pastores e a sociedade desse mal do século não é tarefa fácil, requer perseverança e paciência para podermos

¹⁵⁸ BÍBLIA, 2010, p. 1365.

compreender as suas causas diversas. Entretanto é possível, através do diálogo, desencadear um enfrentamento consciente sobre o suicídio sem desqualificar ou ferir os princípios bíblicos.

Referências

BÍBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

CPAD NEWS. **Suicídio de Pastores**. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/suicidio-de-pastores-e-sindrome-de-burnout.html>. Acesso em 27 out. 2020.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2000.

LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio**: Causas, mitos e prevenção. São Paulo: Ed. Hagnos, 2007.

SALOMON, Andrew. **O Demônio do Meio Dia**: Uma anatomia da depressão. São Paulo: Schwartz, 2009.

**TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: O
NEOPENTECOSTALISMO TEM UMA TEOLOGIA
PRÓPRIA?**

José Lúcio de Souza Pereira¹⁵⁹

Introdução

O pentecostalismo proporcionou o surgimento de um movimento que nasce e se expande com um *modus operandi* muito particular e atraente e que vai, por seu turno, rivalizar com a práxis evangélica tradicional. Esse movimento pentecostal (Freston e Mariano vão denominá-lo, respectivamente, de terceira onda e neopentecostal), diante de suas práticas não ortodoxas, de uma interpretação *sui generis* dos textos bíblicos e da adesão em massa de fiéis a estas novas denominações, provocou a necessidade de se lançar um olhar especial e diferenciado buscando o entendimento e explicação deste novo fenômeno religioso surgido no meio evangélico e que se expande no cenário brasileiro, e também de sua teologia: a teologia da prosperidade.

O presente trabalho trata da temática que diz respeito ao Neopentecostalismo e a teologia da prosperidade. Sendo assim, este artigo levantou a seguinte questão: a “terceira onda” do pentecostalismo tem uma teologia própria? Para responder a este

¹⁵⁹ Graduados em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN.

problema, estabeleceram-se os seguintes objetivos: compreender o sentido do pensamento teológico; entender o conceito da “terceira onda” no contexto do pentecostalismo; descrever a relação do Neopentecostalismo com a “teologia da prosperidade”; e explicar a “teologia da prosperidade” na perspectiva científica do teologizar.

A pesquisa buscou, como embasamento teórico, autores específicos que tratam da temática em questão. A área de concentração deste estudo é a teologia e história e a linha de pesquisa é a voltada para o pentecostalismo: história, tradição, transformação. Quanto à metodologia, o tipo de pesquisa é bibliográfico. Portanto, este texto apresenta quatro seções que trarão discussões visando responder ao problema posto. Sem, contudo, pretender esgotar as questões, por óbvio.

A Teologia Como Saber Científico

O saber científico necessita de alguns pré-requisitos para ser considerado como tal. Porém, antes é necessário lembrar que tal saber é apenas mais um modo, dentre outros, de se ver e compreender o mundo em que estamos inseridos (cosmovisão). Volpato, de forma objetiva afirma que:

A ciência e outros sistemas humanos visam compreender, explicar, dar sentido às coisas que vemos; buscam, até de forma sistemática, entender os fenômenos naturais, que são todos

VITRAL

aqueles que sabemos existir no universo, excluindo-se apenas elementos sobrenaturais.¹⁶⁰

Num outro momento, o mesmo autor vai ratificar sua posição ao afirmar que “das várias definições possíveis de Ciência, todas concordam que ela é uma forma de ver o mundo, uma forma de se solucionar mistérios. Mas ela é apenas uma das formas humanas para solucionar essas indagações”¹⁶¹. Outras maneiras de interpretar a realidade, definir verdades e conhecimentos são encontradas na filosofia, na arte, no senso comum e na religião.

Neste aspecto há de se observar o que distingue a ciência, enquanto um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação, das outras formas de elaborar o saber. E, para tanto, Volpato, é categórico ao afirmar que “a base empírica é distintiva entre a ciência e as outras abordagens. Essa base significa que na ciência qualquer conclusão, qualquer ideia, só é aceita se sustentada por alguma base concreta, algo ‘observável’ a partir do qual se faz a inferência teórica”¹⁶². Logo, o caráter reflexivo e crítico se faz presente no processo de elaboração do saber científico.

Neste sentido, fica evidente de que o saber científico vai exigir elementos próprios para justificar seu modo específico de “*ver o*

¹⁶⁰ VOLPATO, Gilson Luiz. **Guia prático para redação científica**. São Paulo: Best Writing, 2015, p. 29.

¹⁶¹ VOLPATO, 2007, p. 18-19.

¹⁶² VOLPATO, 2007. p. 20.

mundo”, e de aceitação de seu conhecimento e verdade (relativa e mutável). Para Volpato, há dois preceitos para a elaboração do conhecimento científico (base empírica e universalidade dessa base, significando a necessidade de comprovação por quaisquer cientistas da área)¹⁶³. Em Lakatos & Marconi, temos outros elementos, como objetivo, função e objeto. Contudo, tudo se pautava no método científico, como assim definem as autoras:

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos. Dessas afirmações podemos concluir que, não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, conhecimentos válidos e verdadeiros, que traça o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.¹⁶⁴

Clodovis Boff, vai enfatizar que o saber científico, compõe-se de três elementos principais, a saber: o sujeito epistêmico, o objeto teórico e o método específico¹⁶⁵. Somando a estes elementos, outro aspecto do conhecimento científico é a necessidade de a ciência, para além de sua natureza positiva (com sua objetividade, verificabilidade

¹⁶³ VOLPATO, 2015, p. 26.

¹⁶⁴ LAKATO, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 83.

¹⁶⁵ BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 32.

VITRAL

e demonstrabilidade), ter que ser viável, ampla e aberta; e ter liberdade para refletir, investigar e debater.

Nesta discussão, Zabatieiro, vai citar, como critérios de cientificidade: refutabilidade (o saber científico deve poder ser refutado pela experiência); replicabilidade (dos experimentos realizados para formular um enunciado científico); aproximação (saberes científicos são parcialmente indeterminados e não correspondem exatamente aos fatos/realidade); probabilidade matemática (da própria validação dos enunciados científicos); valor informativo dos fatos (que possibilitem a confirmação ou refutação da teoria); e capacidade de previsão (de novos fatos ou situações).¹⁶⁶

Então, a cientificidade, como uma cosmovisão, se realiza e tem sentido no trato com a realidade, pois, é no mundo concreto que os fenômenos naturais, sociais, políticos e congêneres, se dão. E a ciência vai buscar dar conta das particularidades do mundo, com seu saber especializado.

Por derradeiro se faz necessário trazer a classificação da ciência oferecida por Lakatos & Marconi, a partir do conteúdo apresentado, objeto ou tema, enunciado e metodologia. Tem-se, portanto, as ciências formais (lógica e matemática), e fatuais (naturais: físicas, química, biologia e outras; e sociais: antropologia cultural, direito, economia, política, psicologia social, sociologia). Na esteira desta discussão, o pensamento teológico, *de per si*, se apresenta como

¹⁶⁶ ZABATIEIRO, Júlio. **Para um Método Teológico**. São Paulo: Fonte Editorial; Faculdade Unida: 2011, p. 69.

possuidor desses elementos¹⁶⁷. Então, se para se fazer ciência, grosso modo, há a necessidade de um objeto e um método e demais pressupostos, na teologia vamos encontrar tais pré-requisitos. Portanto, pode-se concluir, de antemão, que a teologia, é um saber científico. Contudo, destacando a observação de Boff, ao dizer: “A teologia é uma ciência a seu modo, uma ciência *sui generis*. É um saber ou disciplina que tem uma analogia estrutural como o saber científico em geral”¹⁶⁸.

Isto porque, na discussão entre fé e razão, não há uma dissociação, separação ou desconexão entre as duas grandezas, pelo contrário, há uma complementaridade, uma harmonia relacional de interdependência. É o que se observa na Carta Encíclica *Fides Et Ratio*: “não há motivo para existir concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização”¹⁶⁹.

Inclusive, a teologia se apresentando como “*logos da fé*” e não como fé, rompe o discurso de que tem como base o elemento metafísico da crença em detrimento ao postulado demonstrativo da ciência.¹⁷⁰. Temos, inclusive, nas palavras de Zilles, de que “a crença

¹⁶⁷ LAKATO, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 89-90.

¹⁶⁸ BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 40.

¹⁶⁹ PAULO II, João. **Carta Encíclica Fides Et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 13.

¹⁷⁰ ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Mundo da Tecnociência**. São Paulo: Paulus, 2020, p. 39-41.

ou fé é muito ampla que a ciência. Faz parte da vida. A crença não só fundamenta a própria ciência, mas está presente na vida cotidiana”¹⁷¹. Inquestionavelmente, a teologia tem os elementos e pressupostos necessários para se categorizar como ciência, como já se dissera. Então, vejamos.

Nas palavras de Erickson, “de alguma forma o cristianismo precisa ser uma ciência. Não estamos querendo dizer que ela precise ser uma ciência no sentido restrito das ciências naturais.”¹⁷². E cita os critérios tradicionais do conhecimento científico, através dos quais, a teologia tem que se enquadrar para ser considerada como tal.

Portanto, enquanto saber científico, a teologia terá na própria fé seu objeto, ou seja, o objeto material, formal e primário que é a fé no ser divino, no caso, o Deus cristão, enquanto revelado, conforme. Contudo, essa fé corresponde, principalmente, a dimensão do conhecimento e que vai permite dar razão àquilo que se acredita, ou seja, a teologia parte da fé e retorna à fé.¹⁷³

Logo, a fé, enquanto dimensão do conhecimento (fenômeno religioso), se permite envolver num processo de reflexão, estudo, crítica, pesquisa, enfim, deixa a dimensão metafísica para se colocar

¹⁷¹ ZILLES, 2020, p. 46.

¹⁷² ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 18.

¹⁷³ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia: Introdução ecumênica à ciência da fé**. São Paulo: editora Sinodal, 2010, p. 36-38.

no mundo concreto e suas possibilidades de verificabilidade e comprovação (num fazer teológico *sui generis* do saber científico). Boff (2015, p. 31) diz que “a teologia é a fé mesma que se vertebra, a partir de dentro, em discurso racional. É o desdobramento teórico da fé. É seu desabrochamento intelectual. Teologia é *fides in statu scientiae* (a fé em estado de ciência).”¹⁷⁴

Mas, para tanto, a teologia vai valer-se de um método que para Hodge, é o indutivo: “o verdadeiro método da teologia é, pois, o indutivo, o qual presume que a Bíblia contém todos os fatos ou verdades que formam o conteúdo da teologia, justamente como os fatos da natureza formam o conteúdo das ciências naturais”¹⁷⁵.

Geisler, neste sentido, vai corroborar afirmando que “uma abordagem indutiva que visse à compreensão do texto precisa ser feita; ou seja, todas as partes específicas do texto das Escrituras precisam ser examinadas cuidadosamente dentro do seu contexto antes de se poder supor que chegamos a uma interpretação adequada”¹⁷⁶.

Somando-se a estes pré-requisitos, Zabatiero vai elencar quatro condições para que a teologia assim seja reconhecida como ciência: estatuto epistemológico próprio (circularidade hermenêutica entre as demais ciências e os textos e crenças, estabelecidos criticamente produz uma nova compreensão da fé enquanto conteúdo

¹⁷⁴ BOFF, 2015. p. 31.

¹⁷⁵ HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 12.

¹⁷⁶ GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática: Introdução à Teologia, a Bíblia, Deus, a Criação**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 203.

e exigências práticas); liberdade de pesquisa (na medida em que a ciência só pode existir na liberdade para estudar e investigar, não obstante haver mecanismos limitações em todos os campos); inserção científica (relacionamento com as demais ciências); e relevância pública (mediar o diálogo entre as demais visões de mundo, garantir a paz religiosa, relativizar os absolutismos políticos, econômicos e sociais, e prevenir os fundamentalismos e a intolerância religiosa).¹⁷⁷

O saber teológico também conversa com outras disciplinas, como necessidade para justificar seu *status* de cientificidade. Segundo Murad; Gomes e Ribeiro, as formas de relação da teologia com outros campos do saber, são: *transsignificação* (quando empresta conceitos de outras ciências); *multidisciplinaridade* (quando lança o olhar teológico em meio a outros olhares disciplinares, onde cada um apresenta solução a partir de seus respectivos métodos, acerca de uma situação dada); e *transdisciplinaridade* (quando se permite “atravessar” outros campos de saber, diante da complexidade de se explicar a realidade posta).¹⁷⁸

Na discussão acerca da base teórica da relação teologia versus ciência, Boff, quando se posiciona sobre o lugar da teologia entre as ciências, vai também esclarecer o comportamento dialogal da teologia com as demais ciências:

¹⁷⁷ ZABATIERO, 2011, p. 66-72.

¹⁷⁸ MURAD; GOMES; RIBEIRO 2010, p. 44-46.

VITRAL

Ora, a teologia tematiza uma realidade que não é um ser parcial, como nas demais ciências, mas o Horizonte de todos os seres. Neste sentido, a teologia constitui uma ciência necessária com todas as demais. Mais: é uma ciência rigorosamente fundamental. Por isso a teologia e as demais ciências se exigem reciprocamente em termos de diálogo.¹⁷⁹

Matos, também vai ao encontro destes postulados ao afirmar que “a teologia é ciência pelo fato de ser conhecimento crítico, sistemático e autoamplificante. Tratando-se de uma ciência *sui generis*, diferente de outras áreas do saber humano”¹⁸⁰. Não se aproxima de seu objeto como algo exterior ou alheio. Pode-se dizer, ao todo exposto, que a teologia, possuindo os elementos do discurso elaborado, traz consigo o saber científico. Na medida em que, por extensão, a fé (como objeto), neste processo, é racionalizada significando dizer que é analisada, refletida e pensada teologicamente, numa relação mais que possível entre a fé e a razão. Com isso, justificando a teologia como saber científico.

As Linguagens e os Discursos Teológicos

Numa síntese de Boff, tanto o pensamento quanto a própria experiência da fé, como as demais experiências, também vão buscar

¹⁷⁹ BOFF, 2015, p. 364.

¹⁸⁰ MATOS, Henrique Cristiano José. **Estudar Teologia: iniciação e método**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 18.

sua linguagem. E, no caso específico da linguagem, está se torna mais que necessária para a fé na medida em que se completa entre as pessoas (cristãos), além do caráter de alcance de sua expressão e comunicação a outrem. Portanto, a linguagem é base *sine qua non* para o ato de elaborar, pensar e refletir sobre a fé (cristã)¹⁸¹. E, neste sentido, fica claro o fato de que tanto o discurso quanto o pensar e fazer teológico não são exclusividades do teólogo. Muito pelo contrário, vamos encontrar outros personagens que atuam direta ou indiretamente neste campo. Boff, vai destacar que “também os pastores assim como os simples fiéis pensam a seu modo a fé”¹⁸². Contudo, como afirmam Murad; Gomes e Ribeiro, são “diferentes quanto à finalidade, à linguagem, ao método e à elaboração”¹⁸³.

Neste sentido, tem-se três formas ou níveis de elaboração da teologia, ou seja, as diversas maneiras de teologizar: Teologia profissional ou acadêmica, teologia pastoral e teologia popular.

A Apropriação da Teologia nas Confissões de Fé Cristã

Ao se buscar perceber a teologia segundo as confissões cristãs, grosso modo, cita-se a teologia na linha católica e protestante, sem, contudo, trazer prejuízo para as demais abordagens. E há um universo de diferenças que as separam, mas há um ponto central que as unem.

¹⁸¹ BOFF, 2015, p. 455.

¹⁸² MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 141.

¹⁸³ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 141.

Contudo, o que importa dizer é que tanto uma quanto a outra, não obstante, suas particularidades, apresentam suas teologias e suas ramificações. Na abordagem da teologia católica, Boff, vai observar que até o Vaticano II ora se via com a volta ao passado (neoescolástica), ora na busca do diálogo com a cultura de hoje¹⁸⁴.

Já na abordagem da teologia protestante, essa procurou se manter, em geral e praticamente desde as origens, um contato mais ou menos estreito com o pensamento moderno. Como, por exemplo, no cenário do século XX, tem-se a teologia liberal (R. Harnack, E. Tröltzsch). E cuja intervenção de F. Schleiermacher e A. Ritschl (numa linha mais aberta), proporciona a teologia liberal assumir completamente e de certa forma comprometedora as interpretações da modernidade.¹⁸⁵

As Vertentes Teológicas; Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral

Ante um cenário com realidades diversas e desafios correspondentes, a reflexão teológica estará diante de iguais desafios. Portanto, assume uma posição interpretativa e contextual, vez que o ser humano, como sujeito dessa reflexão, tem que ser acolhido em sua diversidade e individualidade.¹⁸⁶ E, neste sentido, a teologia terá que

¹⁸⁴ BOFF, 2015, p. 545.

¹⁸⁵ BOFF, 2015, p. 642-644.

¹⁸⁶ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010. p. 156.

dar conta de diversas questões, como se observa nas palavras dos autores:

À questão de gênero, respondem as teologias feministas, mulheristas e as discussões das masculinidades e da homossexualidade. Às questões étnicas e culturais, respondem as teologias afro-asiáticas, ameríndias e pós-colonialistas. Às questões de sustentabilidades, respondem a ecoteologia (ou teoecologia), e as teologias da globalização da esperança. Às questões da multiplicidade do fenômeno religioso e da pluralidade religiosa, respondem as teologias ecumênicas e as que se ocupam como diálogo inter-religioso.¹⁸⁷

Então, como reflexão teológica contextual, a teologia, para além das ramificações expostas, também vai tratar de questões alocadas no campo geopolítico e social, em específico à América Latina. E, neste caso, temos a Teologia da Libertação (TdL), de cunho católico, e da Missão Integral (TMI), de cunho protestante, como exemplos. Ambas se apresentam dentro de uma estrutura que as caracterizam como tal, porém, com um núcleo comum, apesar de guardarem suas respectivas distinções e particularidades.

No caso da TdL, de saída é importante trazer a fala de Boff e Boff, no que diz respeito ao conceito teológico, quando dizem que:

Refletir a partir da prática, no interior do imenso esforço dos pobres com seus aliados, buscando

¹⁸⁷ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010. p. 156.

VITRAL

inspiração na fé e no Evangelho para o compromisso contra a sua pobreza em favor da libertação integral de todo o homem e do homem todo, é isto que significa a Teologia da Libertação.¹⁸⁸

Ou seja, a TdL, se propondo numa ação crítica e prática, a partir de uma fé libertadora, terá seu objeto voltado para a “questão social”, na lógica da libertação das massas em relação a seus maiores opressores sociais. O fazer teológico da TdL vai exigir um método capaz de viabilizar a migração do ato da reflexão e discussão para o plano da ação, da *práxis*. E neste mister, Boff e Boff, vão ressaltar que a TdL se processa em três momentos fundamentais, os quais correspondem aos três tempos do método pastoral, ou como se queira entender como o tripé que sustenta sua base: ver, julgar e agir. E tudo a partir dos meios ou instrumentos de construção teológica, que são a mediação socioanalítica, hermenêutica e prática¹⁸⁹.

Os desafios da evangelização, na perspectiva da TMI, assim como ocorre na TdL (onde se situam no mesmo contexto sociopolítico e econômico, além do geográfico, porém, guardando suas respectivas distinções), colocam a teologia numa dinâmica envolvendo a reflexão e a *práxis* num mundo em ebulição de toda ordem e, em especial, a de caráter social. Assim Padilha (2014) se pronuncia neste sentido:

¹⁸⁸ BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo Boff. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 20.

¹⁸⁹ BOFF, BOFF, 2010, p. 29-31.

VITRAL

Uma das necessidades mais urgentes na igreja atualmente é a fé no poder do evangelho como uma mensagem de libertação do mundo visto como um sistema sob o domínio dos deuses da sociedade de consumo criada pela tecnologia ocidental. Não há maior contribuição que a igreja possa dar par a humanidade que o evangelho de Jesus Cristos e seu poder libertador.¹⁹⁰

É uma conclusão, onde também se identifica o objeto da TMI, Padilha, ressalta que a evangelização e a responsabilidade social são inseparáveis, onde tanto a palavra quanto a ação, por assim dizer, estão indissolúvelmente unidas na missão de Jesus e seus apóstolos e, por consequência, devendo se manter assim na missão da igreja.¹⁹¹

Complementarmente, observa-se que o teologizar a partir da TMI, vai exigir uma metodologia que garanta a tarefa teológica da missão integral. Ou seja, “ela deve definir o método pelo qual se fará, a fim de que seja pensamento organizado e, de fato, relevante à realidade histórica”.¹⁹² Apesar de não haver um tratamento sistemático do método que ela utiliza. Há, por outro lado, abordagens diversas sobre o assunto que lançam pistas para uma possível ordenação metodológica.

E essa ordenação se dar na medida em que se busca a justificativa, por exemplo, da articulação da fé com o exercício da

¹⁹⁰ PADILHA, C. René. **Missão Integral**: O reino de Deus e a igreja. Viçosa: Ultimato, 2014, p. 160.

¹⁹¹ PADILHA, 2014, p. 187.

¹⁹² PADILHA, 2014, p. 190.

tarefa missionária da igreja, dentre outras questões voltadas para o contexto da América Latina e seus problemas sociais e históricos específicos¹⁹³. Então, diante do teologizar tanto da TdL quanto da TMI, a *práxis* teológica se apresenta com uma possibilidade concreta de haver um olhar para o céu, mas com os pés no chão. E com diz Matos, ao tratar da teologia, esta “nasce da fé eclesial e se orienta para a *práxis* da fé”¹⁹⁴.

Um breve Panorama do Movimento Pentecostal

Segundo Lima (2014), dentre os fenômenos que ocorreram no século passado, o movimento pentecostal é o que se destaca, no que diz respeito ao Brasil. Para Passos, o “pentecostalismo tem vários começos no Brasil a partir de sua chegada no início do século XX. Por aqui ele sempre começou de novo, construindo fases, linhagens e denominações”.¹⁹⁵ E isto dá uma ideia da dimensão e importância do pentecostalismo no cenário evangélico brasileiro, que se instala majoritariamente na área urbana. E sendo “um processo histórico em curso, que em seu período de curta existência tem promovido

¹⁹³ SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral**: História e método da teologia evangélica latino-americana-Americana. São Paulo: Reflexão, 2009, p. 109-111.

¹⁹⁴ MATOS, 2011, p. 52.

¹⁹⁵ PASSOS, Décio. **Pentecostais**: Origens e Começo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 53

deslocamento na sua própria dinâmica”¹⁹⁶, como afirma Bledsoe, de saída cabe destacar que o pentecostalismo se encontra fora do que se convencionou chamar “Novos Movimentos Religiosos” (ou simplesmente NMRs)¹⁹⁷. A este respeito, Guerreiro, em seu estudo acerca do tema, exclui os movimentos diretamente ligados às grandes religiões tradicionais estabelecidas no Brasil, como no caso, a Igreja Pentecostal. E esclarece:

Se para um país europeu, uma igreja pentecostal destoa amplamente da religião tradicional e seus adeptos estão rompendo com os laços sociais até então constituídos, então não vemos problemas em ser considerado um NMR. Mas isso não acontece no Brasil. Tanto os pentecostais como a renovação carismática fazem parte do cenário religioso brasileiro e não constituem mais uma novidade no jeito de lidar com a religião. Na literatura acadêmica há uma longa tradição de estudos do pentecostalismo sem vê-lo em conjunto com os NMRs.¹⁹⁸

¹⁹⁶ BLEDSOE, Davi Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro**: Um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

¹⁹⁷ Este conceito se reporta a todos os de cunho religioso ou espiritualista que tenham surgido no bojo do movimento de contracultura, após 1960. Incluindo os movimentos surgidos até o final do século XIX ou começo do século XX e que permaneceram à margem das grandes religiões, mas que se tornaram mais visíveis juntos com os demais. Cf. GUERREIRO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 43.

¹⁹⁸ GUERREIRO, 2006, p. 97.

VITRAL

E fazendo uma pequena nota histórica, destaca-se que esse movimento cristão surge em Belém do Pará, com os missionários suecos, naturalizados americanos, Daniel Berg e Gumar Vingren, que fundaram a Igreja Assembleia de Deus (1911) e Luigi Francescon, italiano valdense que era da Igreja Presbiteriana de Chicago, influenciado pelo pentecostalismo funda em São Paulo a Igreja Congregação Cristã no Brasil (1910)¹⁹⁹.

A Categorização do Pentecostalismo: A terceira Onda

A despeito do que ocorreu com a tipologia do protestantismo, em escala mundial, quando se tem a onda puritana, a metodista e a pentecostal, como lembra Mariano (2014), no caso brasileiro Freston (1994) também vai estabelecer uma categorização do pentecostalismo num conceito de ondas. E neste sentido vai assim se posicionar:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de **três ondas** de implantação de igrejas. **A primeira onda** é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). **A segunda** onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de "menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955)

¹⁹⁹ CAVALCANTI, Carlos. **Pentecostalismo e Neopentecostalismo: Avivamento ou apostasia?** Recife: CRC, 2008, p. 104.

VITRAL

e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A **terceira** onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e um outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo.²⁰⁰

Assim como as “ondas” do protestantismo alcançaram o pentecostalismo brasileiro com Freston, de igual modo o que para Freston será conceituado como “terceira onda” do pentecostalismo, em Mariano, se tem a utilização da tipologia Neopentecostalismo em referência as novas igrejas pentecostais, não obstante tal termo já ter sua aplicabilidade, como ele ressalta:

A terceira onda demarca o corte histórico institucional da formação de uma corrente pentecostal que será aqui designada de neopentecostal, termo praticamente já consagrado pelos pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais, em especial a Universal do Reino de Deus. O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como caráter inovador do Neopentecostalismo.²⁰¹

²⁰⁰ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 70-71.

²⁰¹ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 33.

Portanto, neste entendimento, o que é atribuído a “terceira onda” não se torna diferente ao Neopentecostalismo, ou seja, o movimento neopentecostal brasileiro também é entendido como o pentecostalismo da terceira onda. Então, é válido dizer que o Neopentecostalismo possui características e ethos próprios que o distingue das demais ondas, passando por questões doutrinárias e comportamental, ou seja, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais). mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo de ser dos componentes da vertente neopentecostal”²⁰².

Ainda na esteira da caracterização desse movimento pentecostal, Bledsoe, vai chamar atenção para algumas práticas inerentes ao Neopentecostalismo como o uso dos meios de comunicação (canais de rádio e TV), e o empréstimo de ritos católicos e das religiões afro-brasileiras (e curiosamente ataca intensamente essas denominações e suas práticas), além de ser uma organização baseada em estruturas corporativas com os pastores (do alto escalão) que se identificam e incorporam comportamentos de executivos (em termos de ganhos e estilo de vida).²⁰³

²⁰² MARIANO, 2014, p. 33.

²⁰³ BLEDSOE, 2012, p. 66-69.

Gonçalves, corrobora nesta discussão quando, por exemplo, ressalta o fato do aumento significativo da membresia das congregações neopentecostais em comparação as demais ondas do pentecostalismo (e isso em um curto período), assim como a utilização dos meios de comunicação em massa, a investida agressiva e ousada tanto no marketing quanto na mídia em níveis profissionais, o sincretismo exacerbado, e o uso de uma liderança carismática (cujo líder tem que ser envolvente, com um magnetismo capaz de impactar com exibição de poderes espirituais, gerando a certeza da presença do Ser divino, transformando-se numa figura poderosa, deixando evidente sua conexão direta com Deus, logo, possuidor de uma fé inabalável e missão na luta implacável contra o mal).²⁰⁴

Teologia da Prosperidade se Sustenta na Perspectiva Científica do Teologizar?

O fazer teológico, enquanto saber científico, é composto dos pressupostos que sustentam a teologia no campo científico. Contudo, o teologizar da “teologia da prosperidade” não se enquadra nesta perspectiva, pois, trilha por outros vieses, buscando trazer o celeste porvir para o terrestre.²⁰⁵ Além do mais, tem como compromisso o

²⁰⁴ GONÇALVES, Delmo. **Neopentecostalismo, nascimento, desenvolvimento e contemporaneidade:** Uma análise da IURD e seus elementos ético-religiosos. Cultrix, São Paulo: 2013, p. 89-94.

²⁰⁵ MARIANO, 2014, p. 70-71.

atendimento a demandas de ordem material, por exemplo, e de legitimar um *modus operandi* de vida sustentada pela riqueza, afastando-se da teologia (que por sua práxis e modo de teologizar, não sustentaria tais práticas), como bem descreve Mariano:

Essa doutrina, reinterpretando ensinamentos e mandamentos do Evangelho, encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista de resolução ritual de problemas financeiros e de satisfação de desejos de consumo dos fiéis mais pobres, a grande maioria, como para a demanda (infinitamente menor) dos que almejam legitimar seu modo de vida, sua fortuna e felicidade. Esses, agora, podiam se escudar nas novas concepções bíblicas da Teologia da Prosperidade em vez de terem que recorrer, para seu tormento, à teologia.²⁰⁶
(MARIANO, 2014, p. 149)

Diante de um movimento como o Neopentecostalismo, considerando aquilo que tem como sendo seu carro-chefe (Teologia da Prosperidade, o que este nome propõe, como sendo uma teologia e da prosperidade, vai exigir uma indagação natural: a teologia da prosperidade possui uma teologia própria? A pergunta não pode ser considerada retórica, pois, vai exigir uma resposta que der conta de um fenômeno que tem impacto e se rivaliza, na maioria das vezes, com tudo que possa ser visto, do ponto de vista teológico, pelo retrovisor.

²⁰⁶ MARIANO, 2014, p. 149.

VITRAL

O ato de teologizar, com seus pressupostos e as mais diversas correntes teológicas, não é uma ação unilateral e estanque, que se esgota em si, pelo contrário, só existe em movimento. Mas um movimento comprometido com o fazer e saber teológico. Ora, neste sentido, Romeiro, vai destacar que o Neopentecostalismo não apresenta linha teológica própria. Muitas de suas posições doutrinárias assemelham-se às do pentecostalismo da primeira e da segunda onda. Não há preocupação com temas importantes da fé cristã. Doutrinas como justificação pela fé, adoção, predestinação e escatologia, valorização pelas denominações históricas, aparecem com pouca frequência em suas pregações e publicações²⁰⁷.

Então, o ato de teologizar, como demonstrado, vai exigir elementos e pressupostos que legitima, inclusive, a teologia como saber científico. Entretanto, o Neopentecostalismo, com todo o seu arranjo teológico (Teologia da prosperidade), não vai se sustentar num teologizar que se caracteriza como uma teologia de *per si*. Isto porque lhe falta os elementos ou constructos que sustentam uma teologia, como se viu, por exemplo, com a TdL ou na TMI.

Considerações Finais

Ficou demonstrado no presente artigo que a “teologia da prosperidade” não pode ser considerada uma teologia, pelo menos nos

²⁰⁷ ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça:** Esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Candeia: 2013, p. 90.

moldes dos estudos de teóricos como Boff, Zabatiero, Murad, Freston, Romeiro, Mariano e demais aqui tratados. Daí, conclui-se que o Neopentecostalismo não possui uma teologia própria. O que tem é um arranjo complexo, dinâmico, diversificado e bem elaborado que garantem o sucesso da empreitada de um movimento que trata a fé como produto a ser comercializado e a riqueza como resultado a ser alcançado, onde “a teologia do espetáculo transformou a fé em moeda de transação gospel, de compra dos favores divinos”²⁰⁸

Então, uma derradeira indagação, como consequência, pode ser lançada, diante de todo o exposto: o que é a “teologia da prosperidade”? Os teóricos aqui estudados deram pistas (ou até já responderam), mas fato é que o fenômeno do Neopentecostalismo, com sua “teologia da prosperidade”, ao propor soluções mágicas para toda ordem de problema de seus adeptos (quer seja remédios para doenças do corpo quanto da alma, de finanças, sentimentais, de relacionamentos) e fazer da igreja um verdadeiro balcão de negócios.

Nesse aspecto demonstra o descompromisso e distanciamento de uma *práxis* teológica que nem é voltada para uma liturgia bíblica verdadeiramente cristã e nem para uma teologia prática que trata questões sociais como ponto de partida de sua *práxis* (apesar de as congregações neopentecostais terem ações de assistência social, porém, esta é uma outra faceta desse movimento a ser estudado em capítulo à parte).

²⁰⁸ ARAÚJO, Abildes Valadão de. **Teologia do Espetáculo: Declínio e esvaziamento no conteúdo da fé bíblica**. São Paulo: Reflexão, 2013, p. 71.

VITRAL

Diante de um mundo doente e caótico, aonde a maioria da população necessita de soluções e respostas para seus problemas diversos possíveis ou não de solução, o Neopentecostalismo se vê num ambiente propício para se instalar e se propagar com sucesso garantido, pois, as pessoas, vendo-se sem saída para seus problemas recorrentes, desesperadamente mergulham de olhos fechados nas fascinantes e hipnotizantes promessas de soluções de curto prazo, cujo resultado é tudo menos o que o povo necessita concretamente, e muito menos a realização de fato do que é prometido por esse tipo de denominação. E tudo tendo como alicerce a aclamada “teologia da prosperidade”, que nada mais é que uma pseudoteologia.

Não é demais, e nem exagero, se concluir que o fenômeno do neopentecostalismo e sua pseudoteologia, ainda permanecerão por um considerado tempo. Contudo, fato é que não se trata de uma teológica (a apregoada teologia da prosperidade), e, por consequência, o neopentecostalismo não possui uma (ao anunciar e fazer-se possuidor de uma).

A análise das literaturas nos mostrou que a ética cristã tem passada por um processo constante de construção, assim buscou-se estudar este tema a partir de diversos autores, e ainda foi possível rever os impactos dentro da igreja e da sociedade. Pode-se agora, evidenciar que ao surgir uma nova conduta ética cristã, surjam também novos valores e práticas que beneficiarão não somente à igreja, mas também a sociedade na qual ela está inserida.

Assim sendo, fica claro que a ética cristã envolve um relacionamento que estabelece a fé, que faz uso desses valores dentro da sociedade, e desse modo constrói-se uma identidade que fixa valores universais dentro da sociedade. Desta forma, esta pesquisa teve por objetivo comunicar que a ética cristã vem fortalecer uma relação entre igreja e sociedade, e com essa intensificação proporcionar a mudança de conduta das pessoas.

Contudo, foi possível identificar que existem muitas pesquisas que estão a abordar esse objeto de estudo, com o intuito de contribuir com a ciência. No entanto, a perspectiva dessa pesquisa é que possa contribuir para o meio acadêmico com respostas significativas para esse campo de abordagem.

Referências

ARAÚJO, Abildes Valadão de. **Teologia do Espetáculo**: Declínio e esvaziamento no conteúdo da fé bíblica. São Paulo: Reflexão, 2013.

BLEDSON, Davi Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro**: Um Estudo de Caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo Boff. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CAVALCANTI, Carlos. **Pentecostalismo e Neopentecostalismo: Avivamento ou apostasia?** Recife: CRC, 2008.

VITRAL

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et tal. **Nem Anjos nem Demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**: Introdução à Teologia, a Bíblia, Deus, a Criação. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GONÇALVES, Delmo. **Neopentecostalismo, nascimento, desenvolvimento e contemporaneidade**: Uma análise da IURD e seus elementos ético-religiosos. Cultrix, São Paulo: 2013.

GUERREIRO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

LAKATO, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: E Loyola, 2014.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Estudar teologia**: iniciação e método. Petrópolis: Vozes, 2011.

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia**: Introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: editora Sinodal, 2010.

PADILHA, C. René. **Missão Integral**: O reino de Deus e a igreja. Viçosa: Ultimato, 2014.

VITRAL

PASSOS, Décio. **Pentecostais: Origens e Começo**. São Paulo: Paulus, 2005.

PAULO II, João. **Carta encíclica fides Et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça: Esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal**. São Paulo: Candeia: 2013.

SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral: História e método da teologiavangélica latino-americana-Americana**. São Paulo: Reflexão, 2009.

VOLPATO, Gilson Luiz. **Guia Prático para Redação Científica**. São Paulo: Best Writing, 2015.

ZABATIEIRO, Julio. **Para um método teológico**. São Paulo: Fonte Editorial/Faculdade Unida: 2011.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Mundo da Tecnociência**. São Paulo: Paulus, 2020.

Apresentação dos Organizadores

Reyth da Cunha Ribeiro (Organizador principal)

Doutor e Mestre em Teologia (Faculdades EST-RS), Especialista em Magistério do Ensino Superior, Bacharel em Ciências Teológicas e Licenciado em Pedagogia (Faculdade Boas Novas-AM). Professor na Faculdade Boas Novas e Pesquisador na área de Bíblia, Arqueologia e Religião pela EST/RS e pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário (OIKOUMENE/UFAM).

Liliane Costa de Oliveira

Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; Mestra em Sociologia e Licenciada em Ciências Sociais (UFAM); possui Bacharelado em Ciências Teológicas (Faculdade Boas Novas-AM). Professora na Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (SEDUC) e da Faculdade Boas Novas. Faz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário (OIKOUMENE/UFAM).

Miquéias Machado Pontes

Doutor e Mestre em Teologia (Faculdades EST-RS), Especialista em Ética (UFAM), Especialista em Magistério do Ensino Superior e Bacharel em Ciências Teológicas (Faculdade Boas Novas-AM). Professor e Coordenador do Curso de Ciências Teológicas (Presencial e EAD) e Ciências da Religião da (Faculdade Boas Novas-AM).